

# Stadium

N.º 88 ★ 9 DE A GOSTO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

**VER NESTE NUMERO**

a reportagem gráfica  
e respectiva tricromia

da **ACADEMICA DE COIMBRA**



## **NOS CAMPEONATOS DE SENIORES**

A emocionante chegada na estafeta de 4 x 800:  
após luta vibrante, Jacinto dá a vitória ao  
Sporting, batendo o benfiquense Matos Fernandes

# A primeira jornada dos seniores

## Melhores resultados, pior organização

Comentários do DR. SALAZAR CARREIRA

**N**ÃO nos venham dizer que o atletismo lisboeta tem beneficiado, nos últimos anos, de uma obra intensa de propaganda; não digam, também, que os dirigentes e orientadores do atletismo lisboeta são credores de agradecimento pelos esforços eficazes que hajam despendido, no sentido de cavar a tal profundidade a obra de expansão da modalidade.

Esta primeira jornada dos campeonatos regionais dos seniores desmente todas as afirmativas que nesse sentido têm sido espalhadas em clamoroso auto-reclamo: o atletismo regional resume-se, pelo que vimos no Estádio, no domingo passado, às equipas do Benfica e do Sporting — cujo duelo constituiu, por assim dizer, todo o fundo do torneio. Além das camisolas vermelhas e verde-brancas, apareceram dois homens do Belenenses, seis do Internacional e um do Carcavelos.

Se é este o resultado da grande propaganda, confessaremos que é pouco, desoladoramente pouco. O trabalho desenvolvido, verifica-se agora, tem sido acentadamente de centralização e os resultados estão patentes.

Não há dúvidas quanto ao comportamento dos atletas, que alcançaram excelentes marcas e se bateram com brio e entusiasmo. Sob esse aspecto, a jornada foi animadora e teve bastos momentos de agrado para o público. Pena foi que a organização fraquejasse nalguns pormenores, merecendo ser classificada como a menos perfeita desde os malfadados campeonatos de principiantes.

Os intervalos foram exagerados, esqueceu-se quasi por completo a realização simultânea de provas e o serviço de informações falhou com frequência, permitindo-se algumas fantasias descabidas, como aquela de anunciar que fora igualado o «record» nacional do salto em comprimento, para em seguida dizer que «infelizmente a tentativa não contara, por haver sido ultrapassado o bordo limites».

Foram sete as provas disputadas: três corridas, que o Benfica venceu; duas estafetas e dois concursos, ganhos pelo Sporting.

As marcas dos vencedores são apreciáveis, algumas excelentes para as nossas médias habituais; o mal, foi o número não acompanhar a qualidade.

Os 110 metros barreiras reuniram seis homens em duas eliminatórias: Fernando Ferreira ganhou muito bem, com 15,9 s., e 15,8 s., batendo Martins Vieira, que na eliminatória fora creditado em 16 s. e fez na final 16,1 s. O belenense António Pereira, que percorreu a prova eliminatória em 16,1 s., na corrida decisiva tropeçou na quarta barreira e, completamente desequilibrado, empurrou com as mãos a barreira seguinte, transpondo-a depois de caída.

Levantaram-se dúvidas quanto à legalidade do procedimento, mas nada o proíbe nos regulamentos, desde que o corredor não torneie a barreira e saia da pista que lhe compete.

A vitória de Matos Fernandes nos 400 metros foi a consequência natural da sua classe: passada naturalmente fácil, completa descontração, o campeão benfiquense deixa a impressão da harmonia dos homens que nasceram para correr. O percurso da eliminatória foi terminado em 51,9 s. e a final em 52,5 s., provavelmente a poupar-se para a estafeta, razão que motivou também a desistência do seu mais próximo adversário, João Jacinto.

Eliaseu Cavaleiro, o futebolista, e os estreantes Artur Dias e José Vicente, classificaram-se por esta ordem nos lugares de honra: os seus tempos nas eliminatórias, 53,5, 53,5 e 53,6 s., entram nos vinte melhores resultados portugueses.

A corrida de 10.000 metros foi de absoluta superioridade benfiquista: Nogueira deu boa réplica até meia distância, mas sucumbiu depois e nem sequer terminou a prova; João Silva triunfou à vontade e os seus 33 m. e 11,6 s. inscrevem-se na tabela como o terceiro melhor resultado nacional. Manuel Gonçalves diminuiu de 50 s. o seu tempo da época passada.

O lançamento do disco deu nova vitória a Manuel da Silva, que alcançou o seu máximo com 39,60 m., terceira marca portuguesa e resultado surpreendente para quem analisa o seu estilo, tão defeituoso na rotação pelo círculo que parece impos-

sível a distância alcançada. Onde chegará esse atleta se conseguir corrigir o desequilíbrio da sua rotação, que não hesitamos em considerar contra-productiva, porque desempenha papel de travão em vez de impulso auxiliar?

Os sportinguistas obtiveram bela vitória de conjunto, apossando-se dos quatro primeiros lugares da classificação: Ruivo foi segundo, à quem dos seus recursos, porque teve um atrair muito baixo e precipitadamente; o francês Regagnon, um principiante da temporada, firmou-se no posto imediato, precedendo o campeão do ano passado, José Luis Silva, que se apresentou completamente destreinado.

A superioridade sportinguista foi igual no salto em comprimento: dos seis finalistas, cinco eram «leões» e o par Alvaro Dias e António Marques, outro futebolista em evidência, dominaram o lote com boas marcas de 6,78 m. e 6,76, que há anos não apareciam nos concursos da capital.

Falta apreciar as estafetas, duas belas vitórias para o Sporting, ainda que uma delas possa parecer afectada pelo percalço sucedido ao adversário, que perdeu o testemunho na última transmissão. Mas, de facto, a vitória estava assegurada na altura do incidente, com Lourenço a partir ligeiramente adiantado a Eleutério.

### UMA TENTATIVA

## O ciclista João Rebelo

não foi feliz ao pretender melhorar o «record» de Lourenço

**A** tentativa feita por João Rebelo para melhorar o «tempo» do sportinguista João Lourenço na prova contra-relógio, estabelecido já em 1942, não foi coroada de êxito. O diluminante, depois de haver atingido o ponto de viragem (100 metros) antes do km. 40 da estrada da Azambuja) com dois minutos de atraso em relação à sua tabela de marcha, elaborada para cobrir a distância da prova em 2 h. e 33 m., continuou a perder tempo e acabou por desistir na rampa de Sacavem, quando verificou que nem sequer podia igualar o «mínimo» que pretendia bater.

Na ida, do Campo Grande até à azimhada do Espadanal, onde virou, ou seja nos primeiros 49 quilómetros, posto que o percurso total é, rigorosamente, de 98,400 km., Rebelo gastou 1 h. 17 m. e 40 s. Com o vento a favor, pois soprou de costas até o Carregado, ainda reagiu e tentou recuperar o atraso; mas pouco depois a cadência de marcha passou de 97/100 pedaladas para 92,95 por minuto, demonstrando assim que a sua simpática e desportiva tentativa não obteria o êxito pretendido.

João Rebelo abandonou a prova a 8 quilómetros da meta, quando tinha 2 h. e 27 m. de marcha — que corresponderiam, se completasse, aproximadamente a 98 km. do percurso.

O fracasso da iniciativa do nosso campeão regional é mais uma prova eloquente de que um «record» não se bate quando se queira, mas sim na altura em que as circunstâncias o permitem. Salvaguardadas as devidas proporções de valor atlético (sob o aspecto de contingências, um «máximo» em estrada está sempre mais sujeito ao fracasso do que uma tentativa em pista), o «record» do mundo da hora também esteve 18 anos sem ser melhorado, apesar de se terem feito algumas dezenas de ensaios. E o próprio Archambaud, seu actual detentor com a boa marca de 45,840 km., só à quinta tentativa foi feliz.

Por isso, em nossa opinião, e embora não concordemos com a época — as ten-

A corrida dos 4x100 m. começou com vantagem para os «encarnados», graças à superioridade de Matos Fernandes, que recuperou toda a diferença de pistas sobre Dello, o qual partiu no corredor mais avançado; Abrunhosa recuperou o atraso e entregou ombro a ombro, mas Nuncio fez um percurso extraordinário contra o especialista Fernando Ferreira e conseguiu ligeira dianteira, que era já uma segurança de vitória.

A prova dos 4x800 m. encerrou o programa com chave de ouro. Nos três primeiros percursos foi o Benfica sempre a transmitir à frente; o sportinguista que recebia o testemunho recolava prontamente, mas na embalagem final atravazava-se alguns metros. João Jacinto iniciou o seu percurso meia dúzia de metros distanciado de Matos Fernandes, os quais foi recuperando sem esforço brusco, colando-se-lhe ao abrigo do vento. Ao sair da última curva, como mandam os cânones, atacou pelo exterior — e os últimos cem metros foram de empolgante competição, com o corredor sportinguista a defender desesperadamente o escasso avanço que lograra alcançar e o rival benfiquense empenhando toda a sua energia para lho reconquistar. Foi um momento de excepcional emoção desportiva, que pôs de pé toda a assistência, em vibrantes aclamações.

Ao cabo desta jornada, o Sporting leva vantagem na classificação colectiva, com 32 pontos, contra 25 do Benfica, 1 do Belenenses e 1 do Internacional. Aumenta assim o interesse para o prosseguimento do campeonato, pois maior está sendo a dificuldade, em relação ao que se esperava, que os atletas do Benfica encontram para firmar a sua supremacia de conjunto.

Nas provas deste domingo tomaram parte 25 atletas do Sporting, dos quais apenas um alinhou em duas corridas; 17 do Benfica, 6 do Internacional, 2 do Belenenses e 1 do Carcavelos.

tativas deste género devem fazer-se normalmente na primavera ou no outono — a tentativa de Rebelo nada teve de despropositada. A sua actual forma, apesar de inferior à do princípio da temporada de 1943, é melhor, ou pelo menos igual, aquela em que se encontrava quando conquistou o título de campeão regional. E desde que fez em treinos, oito dias antes, 2h., 40 m. e 40 s., sem forçar, segundo a sua declaração, o que dá a média de 37,500, não seria descabido fazer a tentativa oficial.

Há, porém, duas coisas a considerar, das quais podem tirar-se prováveis ensinamentos. Poucos são os corredores portugueses que sabem com segurança até que ponto podem chegar às suas faculdades. Ou confessam-se frescos quando vão já no limite das possibilidades, ou se dizem arrasados nos momentos em que bem podiam tentar a sorte — isto sem esquecer que Rebelo é ainda um dos estradistas que melhor sabe «controlar-se». Por outro lado, Lourenço apossou-se de um «record» valioso, conseguido em condição singular — manhã de primavera, sem aragem e de temperatura amena, portanto tão difícil de bater como difícil é encontrar outra manhã igual àquela em que a sua proeza foi cometida.

Tão singular foi esse dia que Lourenço conseguiu 38,180 de velocidade horária, mercê da sua classe e da forma afinada que então possuía, e os três homens que se lhe seguiram, Raposo, Martins e Inácio, creditaram-se com médias que vão de 37,432 a 37,761, ou sejam velocidades superiores às dos vencedores das provas contra-relógio em 1943 e 1944.

Um reparo, para concluir: foi pena que Rebelo não terminasse o percurso, pois estamos certos de que bateria a sua própria média, fixada em 1943, além de que prestaria homenagem à gentileza e solididade com que as entidades oficiais — Associação e Federação — se prestaram a cooperar com o seu clube.

G. M.

**R**ECORDA-NOS perfeitamente... Em certa noite laurenta de Setembro de 1937 assistíamos a um festival de nataçao no Estádio Náutico de Algués. Estava, então, na ordem do dia o duelo Azinhais - Fernando Leal. De repente, espalharam-se pelas bancadas figuras gentis de raparigas, colocando — num gesto muito dos nossos usos... — pequeninos gahardetes doirados — como doirados eram os seus senhos... — onde figuravam as iniciais «G. F. P.».

Com curiosidade, inquirimos do que se tratava. E como resposta ouvimos mais ou menos isto: recolha de fundos para a criação de um clube exclusivamente feminino.

De facto, passado algum tempo a Imprensa registava, com louvor unânime, o aparecimento de um núcleo só para senhoras — necessidade de que há muito se fazia sentir. E a colectividade recebeu, no dia do seu baptismo, um nome feliz e expressivo: **Gimnásio Feminino de Portugal**.

Passaram quasi sete anos. A acção da simpática agremiação não tem sido, parece-nos, aquilo que as suas entusiásticas fundadoras sonharam naquela noite estrelada de 1937. Mas o melhor será ouvir alguém que, por acompanhar de perto a vida do clube, por estar ao seu leme, nos possa fornecer elementos seguros. E ninguém melhor que a dr.<sup>a</sup> Fernanda de Carvalho, dedicada presidente do Gimnásio Feminino o poderá fazer. Ouçamo-la, pois, já que a isso aquiesceu com extrema gentileza.

#### Na sede do Gimnásio Feminino

A dr.<sup>a</sup> Fernanda de Carvalho recebeu-nos, há dias, no gabinete da direcção do G. F. P., à rua Heliodoro Salgado. É uma salinha arranjada com gosto. Nota-se que ha ali algo feminino que dá às coisas um aspecto especial.

Inteligente, culta, com dotes especiais que o contacto com os problemas pedagógicos lhe deram, a activa presidente do G. F. P. possui, de facto, todos os requisitos para o espinhoso cargo que há três anos desempenha.

## O GIMNÁSIO FEMININO DE PORTUGAL atravessa um momento de crise!

Uma entrevista com a dr.<sup>a</sup> Fernanda de Carvalho, presidente da colectividade

Uma vez exposto qual o fim da nossa visita, manifestado o desejo que tínhamos de saber como vive o Gimnásio Feminino, a dr.<sup>a</sup> Fernanda de Carvalho tomou a palavra, e, sem que houvesse necessidade de a interromper, expôs-nos, em síntese, o estado actual do clube, não sem lhe ter feito previamente uma breve análise retrospectiva.

«Fundado no dia 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1937 por um grupo de raparigas de espirito desempoeirado — numa época em que o desporto feminino tinha entre nós desenvolvimento apreciável — o Gimnásio Feminino conheceu, nos seus primeiros anos de existência, vida desafogada, dispondo de um núcleo de desportistas praticantes que lhe permitia olhar o futuro com optimista convicção. Nos diversos aspectos das nossas manifestações de actividade, o panorama era, pelo menos, animador. Trabalhava-se com vontade nas diversas modalidades desportivas e tudo parecia indicar que a rapariga lisboeta



Dr.<sup>a</sup> Fernanda de Carvalho tinha — finalmente —

não só pôsto de parte idéias e preconceitos remontantes ao século dezanove, como tinha também encontrado o clube que, por um conjunto de circunstâncias, lhe estava naturalmente indicado.

«No basket, no tiro, no tenis de mesa, na patinagem, marcamos a nossa posição.

«Atestam-no, exuberantemente, as taças que ornamentam este gabinete. A par disso, a frequência às nossas classes de gymnastica aumentava progressivamente.

#### À mulher portuguesa [falta persistência...]

Depois... o entusiasmo das fundadoras esfriou. Vítimas, talvez, do nosso temperamento latino, não encontrando o ambiente que desejaríamos encontrar, a verdade é que, umas primeiro, outras depois, começaram a desertar.

E a meu ver, começaram a desertar porque a mulher portuguesa não sabe lutar pelos seus interesses, não tem espirito de luta.

E o Gimnásio Feminino de Portugal entrou no seu período de decadência, — sem nunca ter conhecido o período aureo!

Fomos então forçadas a abandonar a sede da praça do Município, utilizando hoje, para as aulas de gymnastica, de frequência, alás, reduzida, o salão do Clube Estefânia. Nas outras modalidades, excepto no tiro, deixámos de aparecer nas competições.

Hoje, tenho a opinião de que o Gimnásio devia ter começado como grémio de características bairristas. Assim como está, com uma massa associativa que não atinge a centena — a modos que a mentalidade feminina se transforma de um para o outro momento — o Gimnásio tem os seus dias contados. E é pena. É pena que se veja desaparecer um clube que reunia excepcionais condições para ser o preferido das raparigas da nossa Lisboa. Enfim, oxalá eu me engane — e o Gimnásio, embora fundado no dia 1.<sup>o</sup> de Dezembro, não fique para a história como o sonho de uma noite de verão...».

#### Melhor campismo — mais campistas!

## «A MENSAGEM CAMPISTA»

UMA INICIATIVA DE GRANDE INTERESSE PARA A PROPAGANDA DA ÚTIL MODALIDADE

O desenvolvimento que o campismo atinge dia a dia e o entusiasmo com que a juventude procura o campo, na ânsia justificável de vida sã, veio levantar uma série de problemas.

Ao mesmo tempo que a organização oficial do campismo se pode considerar como sendo um facto, a comprovar o cuidado que o Estado dedica no útil desporto, acentua-se a melhor actividade dos elementos que até êste momento têm ocupado a vanguarda da grande propaganda em favor do desenvolvimento do campismo em Portugal. Neste aspecto, o Clube Nacional de Campismo tem mantido acção de relêvo e os seus dirigentes, com o presidente da direcção, José dos Santos Ferreira, em primeiro plano, mereceram da Direcção Geral dos Desportos plena confiança para colaborar na elaboração das bases aprovadas pelo sr. ministro da Educação Nacional para a regulamentação do campismo.

«Mensagem campista» vem ampliar excelentemente toda a propaganda feita até agora — e a que mais intensamente se há-de seguir. Trata-se de um conjunto de grupos e núcleos que trabalham em colaboração com o sector de propaganda do Clube Nacional de Campismo, para que todos os campistas se unificem e auxiliem, lado a lado, lutando com entusiasmo pela idéia que preside à orientação da «Mensagem»: melhor campismo, mais campistas.

Assim nos elucidaram os dirigentes desta iniciativa, afirmando-nos:

— Campismo é mais alguma coisa que desporto, é mais alguma coisa que devaneio turístico. Deverá ser também um êlo forte que una a nossa juventude, que a torne mais consciente da sua própria acção!

«Os horizontes do campismo nunca poderão limitar-se a uma barraca, meia dúzia de árvores e um céu azul... Antes de tudo, é necessário

criar entre os praticantes igual espirito de compreensão e camaradagem, forte vontade de resolver todos os problemas e auxiliar aquêlo para quem a vida ao ar livre é ainda uma porta fechada.

— E a idéia da «Mensagem» está em contacto com a organização oficial da modalidade?

— Concordamos totalmente com essa organização, porque dela não-de beneficiar os campistas e o campismo. A parte que tomamos a nosso cargo é a divulgação dêste desporto, tornando-o acessível e popular, ensinando a sua técnica simples, combatendo os defeitos, pretendendo que cada campista seja consciente da sua acção.

— Como decorre a vossa actividade perante os campistas?

— O nosso trabalho assenta em grande e constante actividade. Sobretudo pretendemos, primeiramente, disciplinar os campistas e a modalidade. Depois estabelecer o inter-câmbio entre os praticantes de todo o país.

— São muitos?

— Campistas filiados, mais de mil. Grupos ou núcleos inscritos na «Mensagem Campista», 60. Lisboa com 37 e depois Porto, Coimbra, Braga, Ermezinde, Curia, Viseu, Aveiro, Ilhavo, Guarda, Figueira da Foz, Alcobaca, Barreiro, Setúbal e Vila Real de Santo António.

— Outros aspectos da vossa actividade?

— A organização de núcleos, sua formação, indicando o material, a alienação do campista, quando acampado, e aspectos da actividade cultural e desenvolver durante o acampamento.

— E a actividade desportiva?

— O campismo é também, por si só, um desporto, sendo igualmente excelente meio de cultura. Quando acampados, podemos entregar-nos à gymnastica, à marcha, à nataçao. No

A dr.<sup>a</sup> Fernanda de Carvalho baixara o tom de voz. E ao pronunciar as suas últimas palavras fê-lo de forma a indicar-nos que concluir o seu pensamento.

Por nossa parte, ao pormos ponto final na entrevista, só desejamos de o Gimnásio Feminino de Portugal consiga, miraculosamente embora, vencer a terrível crise em que se debate.

ABREU TORRES

Norte pode praticar-se admiravelmente outro desporto — o alpinismo. Em acampamentos fixos há um jogo desportivo que está indicado: o «volley-ball».

«Procuramos que estas actividades desportivas se j sempre rodeadas de outras culturais. Neste aspecto, o campista tem muito em que empregar a sua actividade: dedicar-se ao melhor conhecimento das plantas, da vida das populações rurais, apreciando os seus costumes e condições de vida, o seu folclore.

«Mas «Mensagem Campista» tem ainda outros projectos, entre os quais o fornecimento de modelos e planos para a confecção de baracas e sacos mais económicos. Os «Fogos de acampamento» — o pequeno serão antes de recolher — procuraremos que se rodeiem de particular ambiente cultural, com a colaboração de cada campista, na divulgação dos seus conhecimentos. E depois, e sempre, a propaganda desta campanha, que visa o inter-câmbio dos núcleos portugueses de campismo — e de todos os campistas!

É inegável, por estas informações e pela actividade já apreciada, que esta «Mensagem Campista» é utilisíma, muito mais no momento em que o Estado dedica aos assuntos do campismo em Portugal a sua melhor atenção.

F. S.

# Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

51 — Monteiro Baptista, 2.º classificado no regional de juniores.

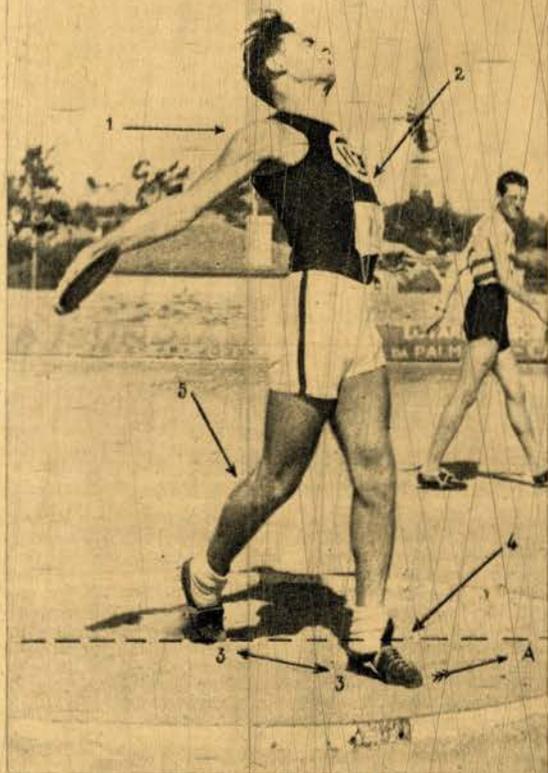


1 — A posição do tronco, levada pela errada tracção ascensional dos braços, é quasi vertical, quando deveria estar horizontal, para que resultasse eficaz a finalidade económica do estilo. O ombro esquerdo e a anca do mesmo lado mantêm-se na fase de transposição da barra, no mesmo plano e razando a barra.

2 — A perna direita, que foi a primeira a ser lançada para o salto, está em posição deficiente e que não lhe permite desempenhar o seu papel no rolamento do corpo sobre a barra. A origem do mal está na direcção em que foi tirada na impulsão, directamente para cima. Tal como está, o joelho não antecede a bacia e não pode, pela descida aquém do obstáculo, promover a rotação donde resulta a escuria da anca.

3 — O braço, paralelo ao outro, exerce o seu esforço em sentido obliquo ao plano transversal da barra, quando a sua posição, para completo aproveitamento do seu esforço auxiliar, devia ser perpendicular à barra e já com a mão mais baixa do que o ombro, para forçar a rolagem sobre a barra.

52



52 — Angelo Seródio Gomes, do Clube Internacional de Futebol.

1 — De todas as nêveis discóbolas da época este foi que mostrou melhor intuição e estilo mais apurado no gesto final de projecção. O ombro direito antecede nitidamente o braço, cuja acção é de agente passivo de transmissão da força centrífuga, como mostra o relaxamento muscular no momento da fotografia.

2 — Todo o corpo está em linha apertada sobre o apoio firme do pé da frente, dando base ao movimento fundamental da rotação para a esquerda da cintura escapular, aqui muito bem determinada pelo recuo e

descida do cotovelo esquerdo e ajudado pela posição da cabeça. Mas...

3 — ... a posição relativa dos pés é bastante má e...

4 — ... o pé esquerdo não está onde devia encontrar-se, isto é, em A, junto ao círculo. Os dois defeitos são consequência da má execução do movimento giratório: os passos foram curtos e por isso o último apoio ficou desnecessariamente recuado, e a meia volta final incompleta, de maneira que o pé esquerdo assentou aquém do diâmetro de progressão (linha pontuada) sobre a qual se apoia o pé direito. Desta forma a rotação da bacia é impossível e...

5 — ... a impulsão da perna direita incompleta e mal dirigida em relação ao ângulo de saída do disco.

53 — A chegada dos novos corredores de velocidade do Sporting.

1 — Jorge Machado está em posição correctíssima; lançou o corpo sobre o fio sem desmanchar a harmonia da corrida, transpondo a meta no máximo de abertura do compasso. Atirou-se para o fio como para um salto em comprimento, aproveitando a tracção do joelho da frente, bem levantado, e a impulsão completa do pé de chamada, cuja perna se conserva estendida à retaguarda. A sua atitude dá a impressão visual de rapidez e de poder.

2 — Joaquim Silveira não é tão feliz: a amplitude da passada é menor; o tronco está erecto em vez de pender para diante, a aumentar o desequilíbrio para cima do fio; a torção do tronco para a entrada do ombro é prematura, pois só na passada seguinte conseguirá tocar o fio; a projecção do ombro só deveria ter começado depois do apoio do pé anterior e coincidindo com o início da impulsão.

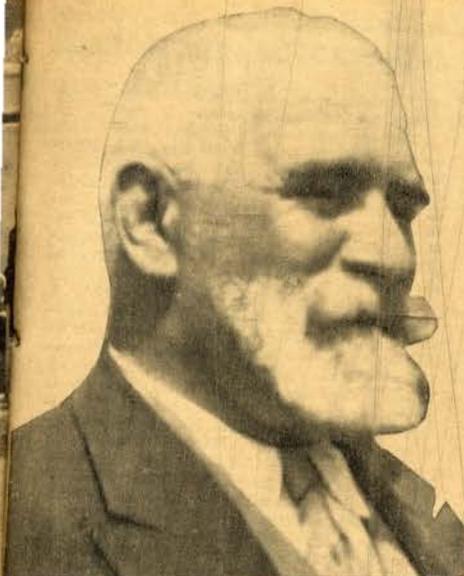
3 — Sebastião Camões vai em plena corrida e nada se lhe pode criticar; perfeita extensão da perna que empurra, com descolagem pela ponta do pé; boa posição dos braços, sem exagerada projecção anterior do cotovelo que avança, nem subida do respectivo antebraço; corpo em attitude equilibrada e sem vestígio de torção provocada pelo frequente erro do rolamento dos ombros.

4 — Fernando Araujo, só em parte colhido pela objectiva, comete o erro indisculpável de olhar para os adversários e, pelo avanço do ombro direito, parece iniciar também já uma precipitada rotação preparatória de entrada na meta.



# Recordando Mestre Joaquim Miranda

50 anos dedicados ao ensino  
da arte de bem cavalgar



**J**OAQUIM GONÇALVES MIRANDA foi, em vida, das figuras de maior prestígio da equitação portuguesa. Professor competentíssimo, chamou a si grupos notáveis de alunos, em cada um dos quais contava amigos dedicados.

Pode dizer-se que Mestre Miranda nasceu para a equitação. Desde criança que a arte de bem montar o seduziu, a ponto de trocar, de boa vontade, a carreira que lhe havia sido destinada pela de picador, depois de ter recebido as necessárias lições de um francês ao tempo residindo em Portugal. Estudou, como poucos, a sua arte — e estudou-a largos anos, quasi até ao fim da sua vida, dedicando-lhe os maiores cuidados e atenções.

Ainda bastante novo abriu o seu picadeiro na rua do Borja, por onde passaram três gerações de alunos, entre os quais se contam o antigo ministro Emídio Navarro, o conde de Pontalva, D. José Manuel da Cunha Menezes, Rodrigo de Castro Pereira, Jara de Carvalho, Lourenço Casal Ribeiro, os irmãos Margarides, Costa Pina, Mário Garcia e o major Jorge Oom — por quem tinha devotada admiração.

Toda a sua vida foi passada dentro das quatro paredes do picadeiro, entusiasmando, ensinando, corrigindo e impondo a arte de Marialva, que ele conhecia como poucos. Pode dizer-se que o Mestre Joaquim Miranda foi grande galanteador do hipismo em Portugal, possuindo a virtude de fazer de cada aluno um entusiasta.

Morreu há quatro anos incompletos — num domingo, de tarde — e esse dia foi também o último da sua carreira, visto que dera mais de vinte lições e regressara a casa firme na sua sela. Ele própria dizia que já não sabia andar a pé — e andou a cavalo até ao fim da vida, até poucas horas antes de morrer.

Os seus créditos de picador de primeira classe estavam solidamente firmados há longos anos. Conhecia a fundo a doutrina de Fillis Baucher e estreitara convivência com o célebre picador Guiraud.

Lisboa conhecia-o bem, de o ver passar à frente dos seus alunos, em cavalgadas que emprestavam à cidade uma nota de elegância e de bom gosto. A sua figura a cavalo impunha-se e chamava tôdas as atenções.

Certo dia, quando atravessava a cidade com um grupo de discípulos, notou que um turista estrangeiro o fotografara. Mês depois recebia no seu picadeiro uma cópia da fotografia, vinda da Suíça, e apenas com este curioso endereço — «ao senhor a cavalo» — Lisboa. Isto prova-nos bem a popularidade que gozava e ainda o facto de o grupo dos seus alunos ter despertado a atenção do turista suíço.

Mestre Miranda, com quem conversámos diversas vezes, era acérrimo defensor da «amazona», combatendo a doutrina de que as senhoras montassem à «califourchon».

Passaram pelo seu picadeiro inúmeras alunas e entre as mais recentes recordam-nos D. Angélica e D. Maria Teresa Plantier, D. Mafalda Sobral Dias, D. Amélia Chatelanaz, D. Julieta Sant Ana, D. Maria Júlia Miranda, D. Vera e D. Luisa Biberatsh, D. Maria Teresa Salema Garção, etc.

Foi picador da Casa Real e professor de equitação do Ginásio Clube Português, tendo então apresentado alunos no Coliseu dos Recreios.

Tôdas as demonstrações hípias que se realizavam no país o interessavam de perto e tinha por Helder Martins e por João Branco Núncio devotada admiração, considerando-os cavaleiros excepcionais.

Organizou diversos concursos hípicos no Estoril e todos os anos se efectuavam no seu picadeiro luctadas festas. Uma das suas últimas alegrias foi proporcionada pela honrosa visita do Chefe do Estado, General Carmona, que, acompanhado pelo então Presidente do Conselho, General Domingos de Oliveira, lhe demonstrou a sua satisfação e o seu interesse pelos trabalhos a que assistira.

A visita do Chefe do Estado — dizia-nos o saudável picador — foi o melhor prémio que recebeu em toda a sua vida.

Mestre Joaquim Miranda, que morreu com 70 anos, e que repousa no cemitério dos Prazeres em cova perpétua, coberta por uma pedra adquirida e mandada esculpir pelos seus alunos mais queridos, estava, à data da sua morte, a receber o justo prémio do seu trabalho. Pensavam os seus discípulos organizar uma festa comemorativa das suas bodas de ouro.

Hoje, ao recordar Mestre Joaquim Miranda, a poucos dias da data do seu nascimento e a poucos meses da sua morte, lembramos que seria honroso prestar justíssima homenagem póstuma a quem, como ele, dedicou toda a sua vida ao ensino da arte de Marialva, da arte de bem montar.

ANTAS  
TEIXEIRA



# Desportos do "stick"

## As actividades de verão da MOCIDADE PORTUGUESA

**P**ODE aloitamente dizer-se que o vigésimo campeonato lisboense de «hockey» em patins está concluído; porque, no espírito respeitante a classificações de interesse, os grupos estão apurados. O Paço de Arcos é de novo campeão e ao Lisgás não deve fugir o título secundário, visto ter ganho, em Cascais e Oeiras, e receber, agora, a visita dos «teams» da Costa do Sol. E enquanto o Tabacos é o último da divisão superior, onde lutou com desportivismo, mas sem capacidade para adversários de mais valia — o Hockey de Sintra deve, talvez, vir a ser o segundo representante de Lisboa no campeonato nacional. Por que dir-se-á que os sintrenses têm, sem dúvida, as maiores possibilidades, tanto mais que, em desafio de grande responsabilidade, ganharam ao Futebol Benfica por 11-2; e isso é meio caminho andado... Quere dizer, em síntese: os classificados são «quasi» conhecidos. Mas importa salientar a acção dos sintrenses — que têm um clube em franco progresso.

No «hockey» em campo, a época parece concluída: há que esperar, simplesmente, por nova temporada. E, no entanto, algo havia ainda por fazer: as competições inter-regionais servem sempre de incentivo e podem constituir «pedra de toque» para avaliar do valor do desporto nacional em qualquer modalidade; mas a actividade, no ano em curso e ao que se nos afigura, deve ter terminado — tanto para Lisboa como para o Porto. É pena, realmente, porque desejáramos ver a sequência de acção dos clubes principais, como Benfics, Futebol Benfica e Hockey de Lisboa, F. C. do Porto, Leixões, Boavista e Ramaldense, do Porto.

No torneio de Lisboa de «hockey» em patins já se verificou resultados verdadeiramente «extravagentes», principalmente nos últimos encontros, com «scores» inesperados e que não estão de harmonia com o valor das equipas em luta. Mas a classificação, a quatro jornadas do termo da prova, elucidará melhor.

Veja-se:

	J.	V.	E.	D.	"Goals" P.
P. ARCOS	10	9	1	—	74-19 29
H. Sintra	10	6	2	2	79-16 24
Benfica	10	6	1	3	58-24 23
F. Benfica	10	6	1	3	51-30 23
Académica	10	5	1	4	35-31 21
Ateneu	10	2	1	1	31-51 15
C. Ourique	10	2	1	7	20-47 15
Tabacos	10	—	—	10	9-107 10

O Paço de Arcos, é, praticamente, o campeão — por outro, continua campeão; e ao H. Sintra deve estar reservado o segundo lugar, a menos que o Benfica lhe embargue o passo... Quanto ao torneio secundário, o Lisgás é favorito 100% porque, em casa, não terá, aparentemente, dificuldades de maior, já que as não encontrou fora.

Note-se a classificação da primeira volta:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
LISGÁS	3	2	—	—	7-3	6
Sp. Oeiras	2	1	—	—	6-7	4
Cascais	2	—	—	1	3-6	2

Temos, portanto, praticamente apurados (as hipóteses são falíveis, em quaisquer emergências, como ainda há bem pouco sucedeu) os clubes seguintes: Paço de Arcos — campeão de Lisboa — e Hockey de Sintra (r) no torneio nacional; Lisgás, de regresso à divisão principal, e Tabacos, naturalissimamente, e de novo, na II Divisão. E nunca, como desta vez, a competição desportiva tanta curiosidade e teve tamanho interesse. Estar-se-á a jogar mais? Ou o público mostra interesse, a valer, pelo «hockey» em patins? Eis aqui o assunto de uma crónica a focar, mi brevemente, quasi como obrigação de um «doutoramento» que não pedimos mes nos atribuíamos, em um semanário da especialidade...

JORGE MONTEIRO

## “STADIUM” além fronteiras

**CICLISMO** — A prova denominada «Volta a Vitória», que se efectua na vizinha Espanha, na semana finda, foi ganha por Delio Rodrigues. Os 98 quilómetros foram percorridos em 2 horas, 41 minutos e 3 segundos. José Lizaguirre foi o segundo, em 2 h. 47 m. 2 s., e Vidaurrote, terceiro, com mais 3 s.

— Os prémios instituídos para a «Volta a Catalonha» são os seguintes: 1.º, 8.000 pesetas; 2.º, 6.000; 3.º, 4.000; 4.º, 3.000; 5.º, 2.000; 6.º, 1.000; 7.º, 900; 8.º, 800. Para o «Prémio da Montanha»: 1.500, 100 e 500, ao 1.º, 2.º e 3.º, respectivamente.

**FUTEBOL** — O campeonato chileno de futebol tem agora um novo «leader»: o União Espanhola, que na última jornada bateu o Colo-Colo por 2-1. As duas equipas terminaram a primeira volta com o mesmo número de pontos (12); mas, o «score» do U. E. é melhor e dá-lhe direito ao primeiro posto da tabela.

— O campeonato argentino também está em meio. A jornada que serviu para conclusão da primeira volta anotaram-se os seguintes resultados: Racing-Boca Juniores, 1-1; San Lorenzo-Independiente, 1-1; River Plate-Old Boys, 1-0; Chacarita-Atlanta, 2-0; Vélez Sarfield-Huracán, 1-3; Ferrocarril Oeste-Estudiantes, 2-2; Laus-Banfield, Rosário-Platense, 3-1.

O River Plate prossegue invencível, com 23 pontos seguidos do Inca Unidos, com 22, e do San Lorenzo com 19. Platense, Chacarita e Banfield são os últimos.

**HIPISMO** — No último domingo deve ter-se disputado, no Hipódromo Gávea, o «Grande Prémio do Brasil», na distância de 3.000 metros e com 300.000 cruzeiros de prémios.

**PUGILISMO** — Foi marcado para hoje, no decurso de uma reunião com fins beneficentes, que se celebra em Chichester, um encontro entre Freddie Mills, um sargento da aviação britânica que é campeão de meios pesados da Grã-Bretanha, e Jari, da aviação norueguesa, vencedor do campeonato dos últimos jogos Olímpicos, na cidade categorica.

— Também está concertado para hoje, em Barcelona, um combate Beiro-Ferrer, ánciosamente aguardado pelo último, que manifestou desejos e esperança de desforra da luta de há meses, em que perdeu o seu título de meios-médios.

**TENNIS** — Nos «courts» do Real Clube Josaleta vão disputar-se, de 8 a 13 deste mês, os campeonatos de Espanha, nas cinco provas habituais: Singulares masculinos e femininos, pares masculinos e femininos e mistos.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

NA nossa reportagem acerca do Clube de Futebol «Os Belenenses» houve um lapso — não se falou na antiga secção de motociclismo do popular clube. Deste lapso nos penitenciamos.

A secção de motociclismo do Belenenses teve certa surra — dentro e fora do clube. Não custava um centavo aos «ezuis», pois vivia do próprio esforço dos praticantes dessa modalidade — e trabalhava com entusiasmo. Conquistou alguns troféus — e fez boa propaganda. Entre os prémios ganhos, citamos os seguintes: taxa «Costa do Sol», numa prova organizada pelo Clube dos «100 à hora»; a salva «Elvense» numa prova-ginkana disputada em Elvas; e uma plaquete, noutra ginkana levada a efeito pelo Operário da Graça. E cooperou na fiscalização e organização de várias provas velocipedicas de estrada.

Fica ressaltada por este modo a falta cometida involuntariamente. E fica exarado o nosso desejo de que a secção do motociclismo do Belenenses volte em breve a trabalhar.

O Faial Sport Clube, um dos melhores clubes açorianos, comunicou nos, recentemente, a composição dos seus novos corpos gerentes. O antigo clube conta 35 anos de existência em prol dos desportos. É um antigo pioneiro desportivo na Horta. E a ele se deve a ida do «onze» do Casa Pia Atlético Clube aos Açores, há anos.

A assembleia geral do Unidos Futebol Clube, na sua última reunião, aprovou, por aclamação, um voto em que o clube saída a nossa revista, pela colaboração que lhe temos prestado. Registamos gostosamente esta deferência do Unidos e desejamos que volte rapidamente à designação que mais lhe agrade — à de Grupo Desportivo da Caf.

EM Estremoz, inaugurou-se, também, um «rink» de patinagem. Embora a pouco e pouco, o desporto vai alastrando pela provincia. E a patinagem tem muitos atractivos e muitas vantagens, como desporto.

A actividade da «Mocidade Portuguesa» multipla e variada, não cessa.

Terminados os trabalhos escolares, e com eles a maioria dos torneios e campeonatos que a «Mocidade Portuguesa» levou a efeito nos vários escalões e nas diversas modalidades desportivas, os filiados da patriótica organização entregam-se a outras actividades mais em harmonia com o período actual — o período de férias. Há que procurar contacto com a natureza e apreciar calmamente os belos trechos das nossas paisagens.

Nada existe como o campismo para esse efeito. E dentro desta ordem de ideias a «Mocidade Portuguesa» promove, além do grande acampamento no Alentejo, muitas outras reuniões campistas. A natação, modalidade de verão por excelência, merece à «M. P.» os maiores cuidados. Assim, encontram-se presentemente a funcionar os centros do Pôrto, Coimbra, Tomar, Lisboa, Setúbal, Mafra, Cascais, Faro e Funchal, todos com grande frequência de filiados.

A vela, que a «Mocidade» veiu movimentar e desenvolver extraordinariamente, é das modalidades que mais adeptos tem nesta época do ano. De norte a sul do país, centenas de filiados, distribuídos por dezasseis centros, entregam-se à salutar prática deste desporto. O remo, a que igualmente a «Mocidade» deu forte impulso, encontra-se, como é natural, em plena e proficua actividade. Distribuídos por nove centros, os rapazes melhoraram progressivamente o seu nível técnico, como há pouco ficou demonstrado nas regatas efectuadas, nomeadamente no já tradicional Pôrto-Lisboa.

A bordo do «Lidador» — o centro especializado de marinaria da «M. P.» — funcionará mais um curso. E no navio-escola «Sagres» lá seguirá um grupo de filiados, verdadeiros lobos do mar adolescentes, no IV Cruzeiro da «Mocidade», em demanda da Madeira e Pôrto Santo. A semelhança dos outros anos, funcionará várias escolas de graduados, nomeadamente em Lisboa, Pôrto, Funchal e Ponta Delgada, que terão como patrono Sá da Bandeira e por divisa «A Pátria acima de tudo».

Tais são, em síntese as actividades a que se entregam os rapazes da «Mocidade Portuguesa».

AS vitórias obtidas pelo Galitos nos campeonatos regionais e nacionais de remo, despertaram grande entusiasmo na progressiva cidade da Beira-Litoral. Mas o Galitos, que soube ganhar algumas provas com brilhantismo, não tem dinheiro bastante para ampliar a sua frota de corridas. Teve, por isso, de recorrer a uma subscrição, para a compra de um «out-rigger» de oito.

Oxalá que a subscrição aberta obtenha rapidamente completo êxito. E que o simpático clube aveirense continue a lutar com galhardia na propaganda do remo.

DENTRO de um amplo programa de realizações o Curra Palace Sports Clube acaba de promover a construção de um «rink» de patinagem. O novo «rink» foi inaugurado há dois domingos, com um desafio de «hock-y» em patins, entre o Académico, do Porto, e Futebol Benfica. Êste desafio despertou bastante entusiasmo e constituiu exhibição agradável. O Académico ganhou por 5-3.

Há, pois, mais um «rink» de patinagem, no norte do país.

É cada vez mais reduzido o número de raparigas e senhoras que praticam o desporto. E o facto nota-se em todas as modalidades. A natação era das mais praticadas. Pois o festival de inauguração da época em Lisboa não teve uma única prova feminina. No festival de Coimbra apareceram três nadadoras — mas não passaram de simples demonstração em três estilos.

O desporto feminino em Portugal é isto... Cada vez menos — e pior.

OS campeonatos regionais e nacionais, entre militares, tiveram este ano maior amplitude — e mais brilhantismo. A educação desportiva e física do Exército parece ter entrado num período de grande actividade. Desejaremos que assim continue. É preciso formar soldados fortes, para que o exército seja também forte.

A academia de Coimbra tem um lugar à parte no desporto lusitano. O futebol e todos os outros desportos encontraram, na mocidade portuguesa das escolas, terreno propício à sua difusão. A primeira equipa nacional de clube que pôde bater os mestres ingleses de Carcavelos Sports Club, em 1897, era um grupo escolar — da Casa Pia de Lisboa.

Coimbra contribuiu também para a expansão do futebol, no período heróico dos tempos da propaganda. A primeira referência à sua actividade na prática do futebol vem de 1894, sob a forma de repto lançado pelo «Gimnásio de Coimbra», em nome daquela cidade, ao «Gimnásio de Aveiro». Do grupo da Lusã-Atenas faziam parte alunos da Universidade. Em 1895, já o popular desporto alastrava naquela cidade, onde o alarde de força constituía tradição académica. Jogava-se, então, em terreno público, no antigo largo de Santa Cruz, actual praça da República.

## A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA

A Associação Académica de Coimbra é, certamente, como núcleo associativo de estudantes universitários, das mais antigas que existem no país. E é desde longa data que acompanha com interesse e entusiasmo, em fases de maior ou menor relêvo, a prática de grande número de desportos, durante o período escolar. Realiza há muitos anos o objectivo de ligar o desporto à escola. Mas nem sempre a actividade desportiva dos estudantes de Coimbra se fazia com o carácter de representação de Associação Académica — em provas.

O futebol entre os estudantes de Coimbra começou a ser praticado no antigo largo de Santa Cruz, como já dissemos. Passaram depois os estudantes, já com melhor colaboração de jogadores de outros clubes ou de outras classes, para a Insua dos Bentos, para se fixarem, mais tarde, no campo de Santa Cruz.

De modo geral, podemos, no entanto, afirmar que o futebol, bem como outros desportos, tem sido praticado em revoadas de entusiasmo, em fases de maior ou menor intensidade, talvez um pouco sob o impulso dominador de qualquer estudante mais entusiasta, ou ainda como reflexo da moda, em desporto. Encontramos, assim, a Associação Académica representada, com uma equipa valorosa, na taça «Monteiro Costa», instituída pelo Futebol Clube do Pôrto, em 1910, e disputada até 1916. E encontramos também a representação da Associação Académica em campeonatos de luta greco-romana e de pesos e alteres, no tempo de César de Melo, antigo campeão, olímpico e internacional em luta.

Na evolução do futebol académico de Coimbra para o progresso dos últimos anos, é fácil encontrar o esforço porfiado de figuras de destaque na Académica. Podemos juntar quatro nomes, nesta recordação dos períodos mais brilhantes do popular desporto:



Dr. Alberto Gomes

Borja Santos, primeiro, quando o futebol começou a movimentar-se mais em Lisboa; Augusto da Fonseca, que há pouco tempo disse, a propósito da reportagem da «Stadium» sobre o Sport Lisboa e Benfica, que reorganizou, e em 1914, na Associação Académica, a sua secção de futebol; Teófilo Esquivel, jogador de grandes recursos; Júlio Ribeiro da Costa, que deve ter contribuído para o entusiasmo com que as equipas de futebol se

## EQUIPAS ESCOLARES DE FUTEBOL

# A Associação Académica de Coimbra

é o clube académico de maior projecção no desporto

batem nos campos de desporto; e Armando Sampaio, a quem coube, na Associação Académica, o trabalho de maior profundidade — em todos os desportos.

Ao dr. Borja Santos, corresponde a actividade que levou a Académica à sua entrada na taça «Monteiro da Costa», no Pôrto. O antigo médio centro do Império, de Lisboa, deu mais consistência técnica às suas equipas. O dr. Augusto da Fonseca realizou trabalho interessante de contacto entre a Associação Académica e as melhores equipas de futebol e contribuiu, grandemente, para o célebre movimento académico da «Tomada da Bastilha», em 1919, que deu, à Associação Académica, o edifício onde desde então funciona a sua sede; o dr. Teófilo Esquivel teve acção de relêvo na manutenção e ampliação do trabalho realizado pelo dr. Augusto da Fonseca; o entusiasmo dominador do capitão Ribeiro da Costa levou a Associação Académica à final brilhantíssima do Campeonato de Portugal de 1922-23.

A obra notável do dr. Armando Sampaio merecia um capítulo especial. Mas temos de desdobrá-la por várias secções.

A sua dedicação pela Académica levou-o a pensar num livro de memórias que deve ser excelente repositório do trabalho da Académica, nos últimos anos. É livro destinado a grande êxito.

## ALGUMAS DATAS E ALGUNS NOMES

Temos, primeiro, a representação oficial da Associação Académica na taça «Monteiro da Costa», de 1911-12 a 1913-14, e a primeira vitória da Académica, em 1912-13. Em 1922, ano da fundação da Associação de Futebol de Coimbra, começou a disputar os Campeonatos regionais, em mais de uma categoria. Desde essa época, e com excepção dos anos de 1925-26, 1926-27, 1928-29, 1929-30 e 1930-31, cujos campeonatos foram ganhos pelo seu grande rival na cidade, o União, a Académica tem mantido o título de campeão distrital.

Na época de 1922-23, a Associação Académica teve comportamento brilhante, chegando à final, que disputou, em Faro, a 24 de Junho, contra o Sporting Clube de Portugal, perdendo por 0-3. Foi a sua primeira grande jornada nacional. Para sair derrotada, teve o Sporting de aproveitar a marcação de duas grandes penalidades.

A equipa académica era a seguinte: João Ferreira; Ribeiro da Costa e Prudêncio; Joaquim Miguel, Esquivel e Galante; Guedes Pinto, Batalha, Augusto Pais, Gil Vicente e José Neto.

Em 1935-36, organizou-se, pela primeira vez, o campeonato das Ligas. A Associação Académica entrou no torneio, na qualidade de campeão do seu distrito. Estreou-se, contra o Sporting, em Coimbra, perdendo, por 0-6. Não foi pois feliz, ao princípio. Mas o contacto regular com os melhores clubes do país deu à equipa um «fundo» esplêndido. E a Académica criou fama no futebol.

No fim da temporada, o «onze» académico recebeu o reforço de Alberto Gomes, jogador do Académico do Pôrto, e António Conceição (Nini), de Viseu. Estes dois elementos

concorreram poderosamente para aumentar a valia técnica da equipa. O dr. Alberto Gomes e Conceição fizeram-se dois dos melhores interiores dos clubes portugueses. Alberto Gomes subiu a «internacional» — e brilhou contra equipas estrangeiras. E por se aliar em clubes estranhos vem a propósito anotar que a Académica bateu, em Coimbra, o «team» checo Zidenice, em 1936, por 5-3.

António Conceição e Rui Cunha foram escolhidos para a «selecção nacional» de futebol, como suplentes.

## NA MADEIRA E EM AFRICA

Na época de 35-36, saiu a Académica do continente, pela primeira vez. Deslocou-se à Madeira, onde registou os seguintes resultados: empatou com o Nacional duas vezes, por 1-1 e 3-3, e perdeu com o Marítimo, por 0-1.

Os estudantes tiveram uma recepção entusiástica — e deixaram excelente impressão de valor, técnica e cavalheirismo. Voltaram ali: em 36-37: bateram o União, por 2-1; perderam com o Marítimo por 1-3, após prolongamento; e venceram o Marítimo, no terceiro desafio da série. Houve ainda um empate com o Nacional.

No período de defeso de 1938, fez a Associação Académica de Coimbra uma viagem triunfal ao ultramar, sendo, até agora, a única equipa continental que esteve em África. Faustino, o médio centro, teve de partir mais tarde, e Conceição teve de regressar mais cedo, de Angola.

Com a equipa de futebol deslocou-se um grupo de tennistas composto por António Calem, Nicolau de Almeida e Henrique Anjos. Os tennistas comportaram-se admiravelmente, só perdendo, em Luanda, contra uma equipa em que entraram Eduardo Ricciardi e Domingos de Avilez, jogadores de grande valor, formados em Lisboa. Bateram a selecção de Luanda.

Em Luanda, a Académica bateu a selecção de Huila, por 2-0, e a de Benguela por 4-1. Contra a selecção de Luanda havia um empate de 1-1 quando os angolanos marcaram mais um ponto. Este ponto foi irregular e provocou protestos. O árbitro, depois de validar o «goal», acabou o jogo, a 12 minutos do fim. Para a repetição, não alinhou a selecção de Luanda. Em jogo particular, já com Faustino, a Académica perdeu novamente com Luanda, por 3-4. Em Lourenço Marques, perdeu por 2-3 contra o Sporting, empatou com o Ferroviários, por 0-0, e ganhou ao Desportivo por 5-2.

A Académica jogou também no Transval, em Pretória, cidade que fica a cerca de 2.000 metros de altitude, sendo por isso a equipa continental que tem jogado a maior altitude. Alinhou contra a selecção do Norte do Transval, perdendo por 0-5. Jogaram também em Durban, contra a selecção local, ganhando por 2-1.

## A MAIOR PROEZA — A TAÇA DE 1939

É o seu melhor título de glória. Como tal, é a proeza mais documentada na sala da secção de futebol. Há fotografias e recortes de jornais em todas as paredes.

A Associação Académica chegou à final e bateu o Benfica em Lisboa, no campo das Salésias. A equipa alinhou como segue: Tibério Antunes; José Maria Antunes e César Machado; Portugal, Faustino e Octaviano; Manuel da Costa, Alberto Gomes, Arnaldo Carneiro, Conceição e Pimenta. A Académica venceu por 4-3, com uma exibição que não permitiu dúvidas acerca da justiça do resultado. A recepção em Coimbra, à volta da



Manuel Gaspar

nadador, treinador e director da secção de natação

equipa, é dos espectáculos mais grandiosos que tem por certo havido em Coimbra. Foi uma jornada de apoteóse

De tal modo a Académica criou popularidade em Coimbra, que há o seu emblema no Parque da cidade, à beira do Mondego

## NOS OUTROS DESPORTOS

A Associação Académica de Coimbra não tem limitado a sua acção ao futebol.

As secções que existem presentemente respeitam às seguintes modalidades — «tennis» de mesa, «volley-ball», «basket», atletismo, natação, «hockey» em campo e «lawn-tennis». Já se dedicou também ao «handball».

Em 1928-1929, houve um bom núcleo de atletas, entre os quais se distinguiram os irmãos Celestino e Marciano Veiga. A última grande revelação foi Abreu Lima, que, após alguns triunfos em Lisboa, ganhou, com merecimento, os campeonatos nacionais de juniores de 1943, nos 80 e 150 metros planos. Francisco Lopes, defesa do «onze» de futebol, e António Maria, extremo esquerdo do mesmo grupo, são elementos de valor no atletismo.

O «basket» parece readquirir o prestígio de outras épocas, a recordar as vitórias da Académica nos campeonatos regionais de 1929-30 e 1931-32. O dr. Carlos Arruda foi internacional, contra a França, em Paris. António Devezas, outro valor neste desporto, chegou a ser suplente à selecção nacional.

## A NATACÃO E MANUEL GASPAR

A natação começou a ser praticada, na Académica, como passatempo. O tanque privado data de 1933. A sua construção fez-se num período da gerência de Armando Sampaio, José Saraiva, João de Sousa e Albano Paulo, todos já formados.

A selecção de natação vem de 1935, ano da inauguração da Praia Artificial do Mondego. Os nadadores começaram logo a treinar-se no tanque — e a secção ficou desde logo entregue aos cuidados de Manuel Gaspar. E Manuel Gaspar tem sido ao mesmo tempo, no transcurso de nove anos, nadador, treinador e director. Começou a nadar no rio, sem mestre. Aperfeiçoou-se, como nadador. Fez um estágio de algumas semanas no Algés, em 1937, e tem assistido a todos os festivais do Algés e da Curia com nadadores estrangeiros. Progrediu como nadador. E desenvolveu-se como treinador.

Sob a sua direcção, o tanque de Santa Cruz converteu-se num viveiro de nadadores, renovado ano a ano.

Com os primeiros campeonatos regionais de Coimbra, correndo como principiantes, vieram os primeiros triunfos: ficaram campeões Francisco Martins, Manuel Soares e Manuel Gaspar, em estilo livre, e Carmel Rosa, em bruços. Em 1936, foram os nadadores da Académica às provas complementares dos campeonatos nacionais da Curia, ainda como principiantes. E causou agradável surpresa, para os dirigentes e nadadores de Lisboa, o «crawl» dos rapazes de Coimbra — e fazerem menos de 1 m. 20 s. nos 100 metros livres.

A Académica estreitou-se nos campeonatos nacionais na Covilhã: Emílio Mertens, nadador do Algés e Dafundo, que estudava preparativos em Coimbra, ficou em 2.º lugar nos 100 metros livres, a um quinto de segundo do campeão, Manuel Moniz Pereira; Manuel Gaspar foi terceiro, nos 200 metros livres, atrás de Manuel Moniz Pereira e Armando Moitinho; e classificou-se em segundo lugar na estafeta de 4x200, a equipa conimbricense, constituída por Emílio Mertens, Boris Sport, Manuel Soares e Manuel Gaspar.

Até agora, conseguiu a Associação Académica os seguintes títulos de campeonatos nacionais, todos por intermédio de Maria Natália Veiga: em 1939, 100 e 200 metros livres; em 1940, 400 metros livres; em 1941, 100 e 200 metros livres; em 1942, 100, 200 e 400 metros livres.

Em 1938, Luís Fidalgo fez o melhor tempo de então nos 68 metros bruços de principiantes — 1 m. 00 s. 2/5. Como júnior bateu e detem o «record» nacional da categoria nos

## EM NOVO PERÍODO DE RENOVAÇÃO

# A Associação Académica

vai encontrar novamente, na próxima época, o seu lugar no campeonato de futebol

afirma-nos o Dr. Arménio António Cardo, director da Académica e da «Via Latina»

**P**RESIDE à Associação Académica de Coimbra o sr. dr. Manuel Tarujo de Almeida, que concluiu há dias a sua licenciatura em Direito. Não estava em Coimbra no dia em que o procurámos, na sede da Associação. Atendeu-nos, porém, com requintes de amabilidade que muito nos penhoraram, o dr. Arménio António Cardo, director da Académica no ano lectivo que acaba de findar, moço escritor com um nome de relêvo firmado na «Via Latina», órgão oficial da mesma associação, de que é também director. A «Via Latina» é um quinzenário com feição nitidamente cultural. Mas não descarta os problemas desportivos que interessam aos estudantes de Coimbra.

O dr. Arménio António Cardo prestou-se gentilmente, a expressar a sua opinião acerca do futebol e do desporto,



Dr. Arménio António Cardo

na passada época de futebol e em relação ao futuro. São do distinto estudante e escritor as palavras que se seguem:

«A Associação Académica procura através das suas actividades realizar um programa de educação cultural e de educação física.

«Neste último aspecto, mantêm secções de futebol, natação, atletismo, «hockey» em campo e «hockey» em patins, «volleyball», «tennis» de mesa, «lawn-tennis», etc.

«A secção de futebol é a mais conhecida e a que mobiliza mais energias. O futebol é realmente a modalidade desportiva que, mercê da emotividade e vivacidade que origina, mais adeptos possui em Portugal.

«A Associação Académica possui uma turma de futebol que, como é do conhecimento de todos, tem características próprias, completamente diferentes de todas as outras do país.

«A Associação Académica «vive» principalmente de dedicações, de entusiasmos e de energias generosamente dispensadas, cimentadas por um espirito de união que só a «capa e batina» pode alcançar.

«E assim se criou uma mentalidade académica desportiva — chamemos-lhe assim — muito própria, que se revela até na própria técnica de jogo. Repare-se na «técnica» de jogar da «turma» académica, em que há um aproveitamento igual de todos os sectores, pondo sempre de parte a iniciativa mais ou

menos individual. Repare-se no desportivismo com que sempre se apresenta, jogando sempre com a mesma «alma», quer jogue em «casa», quer em casa do adversário, mesmo que vá na vanguarda ou com a «lanterna vermelha» de uma classificação. Sempre jogo pelo jogo, desporto pelo desporto.

«No passado ano teve a Associação Académica uma actuação bastante infeliz, nos campeonatos em que tomou parte. No início da época, ressentiu-se da instabilidade própria dos primeiros encontros e, ainda, do facto de fazer um campeonato de Coimbra em que os adversários são de categoria muito inferior aos que encontra no Nacional e na Taça. É realmente uma transição perigosa, a passagem de um campeonato em que os adversários se vencem com margem mais que folgada, para outro em que o adversário é ténicamente e fisicamente superior. A Associação Académica tem-se sempre ressentido dessa transição. Mas com um redobro de energia e boa vontade tem sempre ultrapassado essa depressão com êxito, indo até alcançar os maiores troféus nacionais.

«Neste ano, essa «curva descendente» não pôde ser equilibrada e daí resultou que até ao final do Nacional a A. Académica quase só tivesse conhecido revezes.

«Como se disse, a A. Académica vive de boas-vontades, energias, actividades que se congregam. Esta congregação sofre uma contínua mudança, acompanhando as vicissitudes e a continuidade da Academia, que se renova ano a ano. Este ano essa «curva descendente», notada no início do Nacional, teve a acompanhá-la uma «quebra» de organização de que, aliás, ninguém pode ser acusado. Crise de momento, apenas.

«Repare-se, porém, na recuperação que se fez no final da época, especialmente na Taça. Julgo estar aqui um aspecto dessas características únicas que há na A. Académica: recuperação rápida, entusiástica, eficaz. É que na Associação Académica vive-se com entusiasmo, com dedicação, com amor à «capa e batina». Não há profissionalismo, não há comercialismo desportivo.

«Na próxima época, posso afirmá-lo afoitamente, a Académica vai encontrar novamente o seu lugar nos campeonatos de futebol.

«Os meus condiscipulos Reis Botto, Renato Ferreira e A. Amorim estão a trabalhar na secção de futebol de maneira admirável. Da sua dedicação e competência há tudo a esperar.

«Vão sair alguns dos consagrados? Não importa! Os seus lugares estão a ser preenchidos por elementos novos, cheios de habilidade e de vontade.

«O problema do treinador está a ser resolvido.

«No próximo ano a Associação Académica continuará a ser a expressão do desporto de Coimbra.

«O cuidado que está a ser posto na composição e treino da nova turma, justifica integralmente as esperanças e o interesse que de todos os recantos do Império, são postos na A. Académica.

«Aqui tem alguma coisa do que lhe posso dizer sobre a turma de futebol da A. Académica.

100 metros de bruços — 1 m. 24 s. Foi campeão nacional da Mocidade Portuguesa, em 1940 e 1941. Celestino Soares teve, no ano findo, o «record» nacional dos 200 metros juniores, em 3 m. 12 s. Adelino Lebre cotou-se, em 1942 e 1943, como um dos melhores nadadores de velocidade, batendo uma vez Luís Lopes da Conceição, o melhor nadador

da província nos campeonatos nacionais de 1933.

Este é o resumo do historial da natação em Coimbra. A fechar, fica bem a afirmação de que a Associação Académica deve, à natação, metade das taças que figuram na sua galeria de honra.

MÁRIO DE OLIVEIRA

**B**ENI LEVY reapareceu no dia 4 perante numerosa assistência e combatendo o pugilista espanhol Juanito Martin, a quem derrotou por pontos.

Foi uma vitória desolada, e sem brilho. O campeão nacional, que longa sustança do quadrângulo enervou de maneira clara e incluível, obteve o triunfo sobre a linha de chegada, como um corredor de velocidade atrozado a quem resta um sopro de energia...

Menos corpulento, mais baixo de estatura e menos musculado, Juanito Martin não daria aos profanos a possibilidade e a visão prévia do pugilista rápido, oportuno e conhecedor que se mostrou durante dois terços do combate. Movendo-se com facilidade e elegância, possuindo técnicas muito mais apurada e ortodoxa que o simpático e valente moçambicano, o espanhol iniciou o trabalho disposto a vencer a sua superioridade e classe, conseguindo manter domínio claro e absoluto até que a maior resistência física do antagonista acabou por ditar as condições definitivas.

Exceptuando o 3.º assalto, em que igualou a pontuação, Levy foi rotundamente derrotado até ao 7.º round — e não fora a conscienciosa preparação física que levou a cabo, junta com o brio e ânimo de que pode orgulhar-se, seria sido batido sem apelo nem atenuantes.

O pugilista moçambicano jogou, decerto, dominado por um nervosismo explícito. Mas, também, que dizer da pobreza e insignificância dos seus recursos como jogador? Isto é que não tem fácil explicação, a menos que se admita um retrocesso de valor, um declínio em evolução.

Creemos, porém, que não se trata disso. Levy, como todos os jogadores de «boxe», necessita de bons auxiliares e treinadores que lhe ajudem a apurar a técnica e, até, a inculcar os princípios permanentes e imprescindíveis da esgrima dos punhos.

## BENY LEVY VENCE...

## ...MAS NÃO CONVINCE

O QUE FOI A SESSÃO DO CAMPO PEQUENO

Guilherme Martins confirmou a sua classe na sessão do Parque Mayer; os restantes combates não satisfizeram

Crónica de RAFAEL BARRADAS

A fisionomia do combate, de que fazemos um ligeiro resumo foi a seguinte:

**Primeiro assalto:** Martin, movendo-se agilmente, finta ao estômago repetidas vezes e bate duro com a direita no queixo. O jogador português, guardando muito mal a linha esquerda alta, (como já frisámos por ocasião do combate contra Peitô...) é duramente socado e rompe o contacto. Quasi no fim do assalto Martin bate forte com a direita, na cartada. Vantagem nítida do espanhol.

**Segundo assalto:** Levy continua cedendo terreno e o adversário conduz o ataque. Dois rápidos e violentos hooks, da direita, no activo de Martin, acertam no queixo. A meio da refrega Levy aplica o seu primeiro golpe limpo, atingindo com força o parietal esquerdo do antagonista. Vantagem de Juanito Martin.

**Terceiro assalto:** Levy sai de canto em furação e ataca, mas de modo desordenado. O espanhol responde como pode e ao final retoma a conduta do jogo, socando com potencial e nitidez, o que obriga Levy à defensiva.

**Quarto assalto:** Tem a fisionomia do anterior, com a acentuação de aspecto confuso. O português mostra-se absolutamente incompetente para esgrimir a distância e procura impôr a batalha. Um golpe, francamente baixo, atinge o espanhol — que retoma a luta com galanteria. Levy perde este assalto pelo golpe irregular que aplicou.

O público, excitado, não tem um gesto de aplauso pelo trabalho do pugilista espanhol e só quer, à força de pulmões, a vitória do seu compatriota, a quem anima ruidosamente.

O 5.º assalto é marcadamente de Martin. Por três vezes seguidas, o punho direito do visitante colhe a ponta do queixo de Levy. Depois, em seguros golpes ao tronco, dobrados à care, obriga o português à defensiva, dando êste a impressão de duramente socado. A resistência e a coragem de Levy são notáveis, mas insuficientes para obter o ganho do assalto, que vai para o espanhol.

O domínio de Martin continua no round imediato. Levy, indiferente aos socos que, amide, o atingem na cabeça e no tronco, lança-se de continuo sobre o espanhol e procura bater-lhe seja como for. Esta tática obriga Martin a entrar no corpo-a-corpo repetidas vezes, já que não consegue recuar com a presteza com que avança o antagonista. Os espectadores protestam injustificadamente, dando nota da sua prodigiosa e triste ignorância. O árbitro, completamente, dá um aviso público ao espanhol, por abusar do corpo-a-corpo.

No oitavo round, Levy lança-se à batalha mais enfurecido que nunca. É aquilo jogar ao «boxe»? Decerto que não, — mas é o seu único recurso para evitar a derrota. Atabalhoadamente e de modo desconexo, atira-se para a frente e bate de todos os modos e em qualquer lugar. Juanito Martin, no meio daquele turbilhão, ainda consegue fazer sangrar o pugilista português. Jogo igual.

No assalto seguinte a fadiga do espanhol surge nitidamente. Perante êle, tem um homem de grande vitalidade que, animado por briosa vontade, não quer ser derrotado e joga tudo por tudo. Martin já não tem forças para o deter a distância e aceita o corpo-a-corpo, a «pega» confusa e desluzida, antessê da boa esgrima. Nítida vantagem de Beni Levy.

O árbitro avisa, agora mal justamente, o pugilista espanhol, por agarrar os braços do contrário.

A fisionomia do último assalto é a do anterior, mais acentuada ainda. Martin é conduzido e empurrado pelo jogador português e não consegue ripostar ou defender-se de modo conveniente. Grande vantagem de Levy.

Xavier de Araujo deu a vitória por pontos ao campeão português, que a mereceu pela sua resistência, coragem e vontade de vencer, mas de nenhum modo revelou melhor classe pugilística que o adversário.

\*

Os restantes combates da noite foram menos lúidos. Tefol derrotou Grenados por pontos em 6 assaltos, lançando-o ao solo, por 9 segundos, no assalto final. O pugilista espanhol ganhou o derradeiro round mas não conseguiu reduzir o domínio anterior.

Kangal e Quintas fizeram um combate monótono, em 8 rounds. O moçambicano não soube anular a vantagem dos braços longos de Quintas e procurou, spensas, o sêco duro. A decisão, de empate, sjeitou-se à fisionomia do jogo praticado.

Matos despatchou Menditea, por knockout, ao 4.º assalto. O espanhol esgrimiu melhor a distância mas apreceheu-se depresso de que os punhos contrários traziam dinamite. Bem tocado no 3.º assalto e mais tarde no 4.º round, foi ao solo e não achou preferível levantar-se para cair de novo.

A esgrima de Matos, como aliás a dos restantes pugilistas nacionais, foi desluzida e escassa falta de actividade e de práticas, resultado de longa permanência em «quarteis de inverno».

### NO PARQUE MAYER

Exceptuando o combate final, entre Guilherme Martins e o portuense Gualdino, podemos afirmar que não se jogou «boxe» na sessão nocturna do dia 31, realizada no Estádio Mayer.

(Continua na pág. 10)

### ESGRIMA

## As provas do Campeonato Militar

### Breves notas e comentários

**E**NQUADRADAS na «Semana Militar», efectuaram-se de 24 a 28 de Julho as provas do Campeonato Militar de Esgrima. O júri, que foi presidido pelo conhecido esgrimista major Jorge Oom, cumpriu rigorosamente o programa previamente elaborado.

No dia 24, de manhã, disputou-se a prova de sabre para sargentos. As eliminatórias e a final deram-nos algumas vezes aspectos de jogo agradável, principalmente por parte de Mateus (1.º classificado) e Palos da Rosária (2.º), que fizeram assaltos bastante bons. Alguns outros concorrentes usaram um pouco de violência, não «segurando» os golpes, o que nos fez recordar os assaltos de há anos atrás, antes da ida à Hungria de Mestre Campos de Andrade.

A prova de espada para oficiais foi deficiente. A maior parte dos inscritos nunca tinha praticado a modalidade. Estamos certos de que, em face do que se passou, as entidades superiores providenciarão no sentido de que a instrução seja intensificada, para bem dêste desporto essencialmente militar e de tão belas tradições entre nós. A vitória coube ao alferes miliciano Alvaro Santos Silva, antigo e hábil floretista, que mostrou não ter ainda esquecido o que aprendeu. O tenente Romba obteve merecidamente o 2.º lugar, sendo de lamentar que não tivesse mais preparação, pois denota habilidade. Dos outros concorrentes, alguns dos quais com qualidades, só há que recordar-lhes que na esgrima, como em todos os desportos, é necessário muito trabalho e perseverança.

Nos dias 25 e 26 disputou-se a taça «Pedro de Oliveira», destinada a perpetuar a memória dêste antigo mestre de armas militar. A prova é jogada ao sabre, entre equipas de três atradores, em representação das unidades ou estabelecimentos militares, podendo um dos elementos de cada formação ser especializado em esgrima.

Concorreu o bonito número de 10 equipas, que tiveram de ser divididas em três eliminatórias. Passaram à final o Regimento de Engenharia n.º 2, a E. P. Administração Militar e o Regimento de Cavalaria da G. N. R. — que se classificaram por esta ordem. Venceu, realmente, a equipa mais homogênea, na qual figuravam dois atradores de 2.ª categoria oficial da F. P. E.: os tenentes Eurico Gonçalves e Silvino Marques. Estes dois esgrimistas estavam, porém, fóra de tempo, e o

terceiro, tenente Firmino dos Santos, mais fraco, mostrou cansaço a partir de certa altura, o que mais lhe diminuiu as possibilidades. Na formação da E. P. A. M., salientou-se o capitão Mário de Figueiredo, que jogou bem dentro da sua habitual toada e se mostrou seguro. Na G. N. R. tivemos ocasião de ver dois elementos que não conhecíamos — Coelho Dias e Serra Pereira. Devem continuar a jogar e exercitar-se no «plastron», pois mostraram boas condições. O terceiro, capitão Cascais, um bom «sabreur», não atingiu o rendimento que esperávamos.

Nas restantes equipas, apenas merecem referência especial o alferes Barreto, de Cavalaria 7, elemento a aproveitar; tenente Romba, de Cavalaria 8, com muita intuição; e tenente Moraes, que fez toques dignos de nota.

Na prova de sabre para oficiais, efectuada no dia 27, houve assaltos bons. Eurico Gonçalves, os irmãos Silvino e Jaime Marques, Romba e Barreto, distinguiram-se. No entanto, os que chegaram à final disputaram a «poule» com nervosismo — o que só os prejudicou e dificultou a missão do júri. A vitória de Eurico Gonçalves, seguido de Romba, corresponde ao que nos foi dado observar.

Os júrís, presididos pelo major Jorge Oom e capitães Tassara Machado, Campos de Andrade e Veiga Cardoso, foram, a nosso ver, bastante bons: poucos erros de visão e cumprimento dos preceitos regulamentares dentro do que pode exigir-se.

Para completar os campeonatos, jogou-se no dia 28 a prova de instrutores, na qual o resultado final é obtido no conjunto de uma «poule» de espada e de outra de sabre. Presidido ao júri o capitão Tassara Machado e entre os atradores viam-se nomes muito conhecidos, como Jorge Oom, Veiga Cardoso, Campos de Andrade, Raul de Castro, Mário de Figueiredo, etc. Podemos dizer que, de maneira geral, se jogou bem e com cuidado. A prova de espada foi ganha pelo major Jorge Oom, com 7 vitórias, seguido do capitão Veiga Cardoso (5-2) e do capitão Campos de Andrade (4-3). Na «poule» de sabre triunfou Campos de Andrade (7-0), seguido do capitão Raul de Castro (6-1) e do major Oom (5-2). O conjunto das duas provas deu a vitória a Jorge Oom, ficando Campos de Andrade em 2.º lugar.

Os atradores reuniram-se depois num almoço.

F. E. S.



1 — Judite Rodrigues, Natália, Georgete Duarte e Francisca Moita, as gentis representantes do Belenenses que colocaram o seu clube à frente da classificação nas provas femininas; 2 — Fase da final dos 110 metros barreiras; 3 — A equipa do Sporting que venceu nos 4x100 metros; 4 — A outra formação dos "leões" que conquistou a estafeta de 4x500; 5 — Manuel da Silva, do Sporting, vencedor do disco.

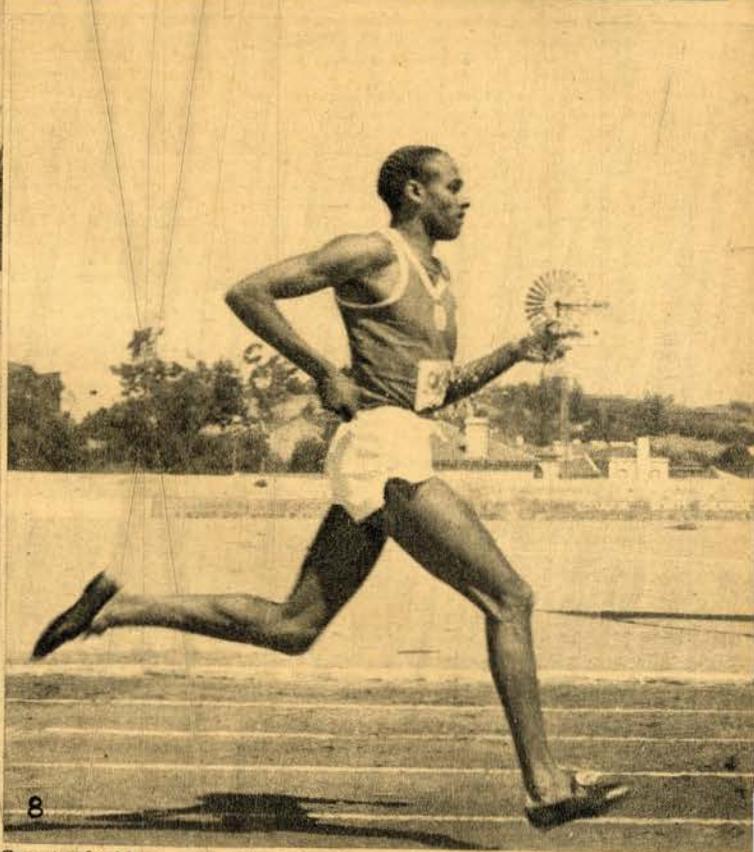
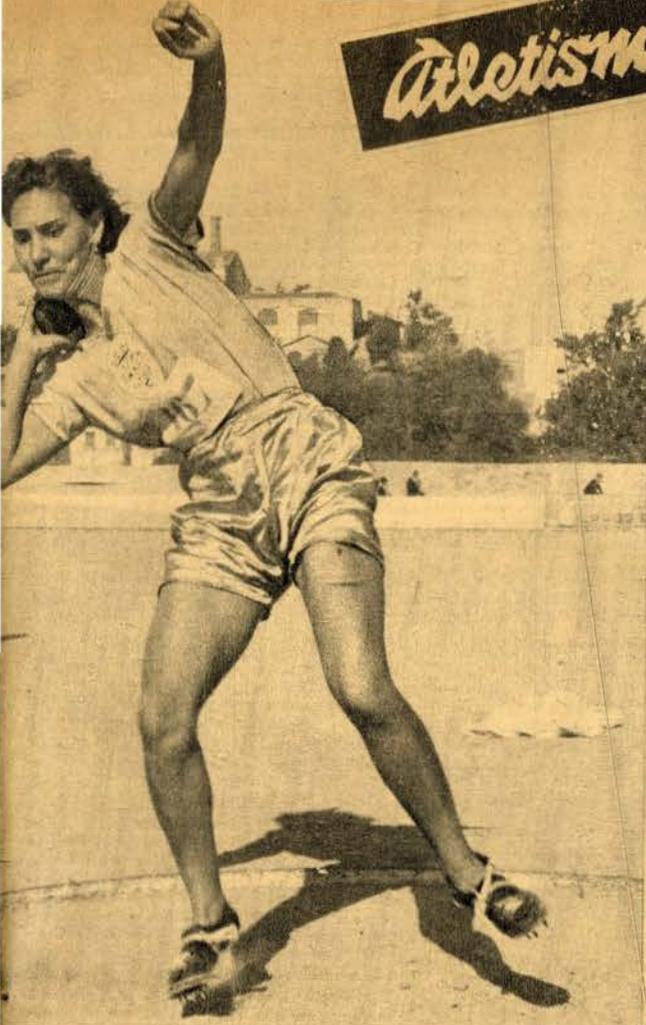


**UM RECORDE BATIDO!...**  
 Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfalataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.<sup>ª</sup> tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género tailleur. Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.<sup>ª</sup> maior perfeição e não pagá-luxo.



**CHAVES** de todos os modelos  
 Perdeu-as? Partiram-se? Rouba-  
 am-lhas? — mande fazer outras na  
**CASA DAS CHAVES**  
 Amadeu Gomes da Fonseca  
 RUA DA MOURARIA, 3  
 (Frente ao Cinema) • Telef. 28050





6 — Almerinda Correia, do Almadense, campeã do peso; 7 — Maria Ester de Moura Cabral, a conhecida desportista do Sporting, que arrebatou o título nos saltos em altura; 8 — Matos Fernandes, popular benfiquista, campeão dos 400 metros; 9 — Alvaro Dias, do Sporting, vencedor dos saltos em comprimento



(Continuação da página 7)

## A inauguração do SPORT LISBOA E ALENQUER nova filial do Benfica

Desportivamente falando, foi dos espectáculos mais fracos a que temos ido este ano e, longe de servir à implantação e propagação do pugilismo, trouxe benefício e tédio ao pugilista turvo e desordenado.

Não cansaremos de repetir que é urgente e necessário transformar os processos e hábitos em que se realiza o desporto do «boxe», sob pena de medidas draconianas rigorosas, no caso da transformação se não realizar espontaneamente.

Reconhecemos que o Pugilismo não é cultivado num método e ciência e que a maioria dos praticantes encaram a profissão como um meio de evitar o desemprego. Esta característica, exclusivamente pecuniária, torna difícil colher bons produtos em campo real, onde não há sementiras. Mesmo assim, o empresário deve preocupar-se em obter, à custa de combates bem equilibrados — com predomínio dos estilistas sobre os desordenados — o êxito financeiro, excluindo o concurso desses competidores de «boxe» negativo, chamados João Teixeira e colegas, por exemplo.

Somos de opinião que é urgente mudar da rumo, pois de contrário o organizador sofrerá prejuízo no negócio pelas dificuldades que encontrará na obtenção dos vistos nos programas.

Guilherme Martins (61,300 kg.) fez um ótimo combate. Ainda que o adversário tenha subido ao quadrângulo fatigado pela viagem Porto-Lisboa, efectuado na véspera, o que serve de atenuante, a sua derrota foi conclusiva.

Guslino (61 kg.) não é um adversário fácil, apesar da reduzida bagagem de golpes que põe em prática. Aguenta bem o castigo, bate rijo e aproveita as aberturas sem perdas de tempo.

Chamamos a atenção do leitor, que por acaso tenha ido ao espectáculo, para o modo de jogar de Guilherme Martins. Nada de gestos inúteis, nem de longas suspensões na condução da acção; os golpes não trazem balanço e são executados com tãda a nitidez: o directo é, de facto, um directo. O mesmo acontece com os restantes socos e confessamos o agrado com que presenciámos os seus combates.

É um pugilista em plena ascensão, cujos meios físicos não desbrocharam ainda e, até, não ajudam o dono. Mas, por outro lado, possui intuição rara, que, desde Max Fredo, ainda não víramos sob a «ring» nacional.

Deante deste combate recebeu pouco mais de dez golpes, assentes em cheio, e atingiu o antagonista, tanto na cara como tronco, com perto de setenta!

Parece-nos que o mais qualificado pretendente ao título dos leves, se não já, pelo menos em breve, venha a ser Guilherme Martins.

António Silva (61 kg.) não nos convenceu. Esquiva bem e tem agilidade, mas nem possui estilo nem tática. Deante de um adversário que fez tudo para o ajudar a brilhar (conduz a essa que o público reconheceu e que a empresa procurou camuflar ameaçando publicamente o beneficiado...), António Silva fatigou-se depressa e, apesar de vencedor por pontos, no 8.º assalto, demonstrou que, pugilisticamente falando, é um recém e m grandes meios ao dispor.

Filipe R. Bordão (61,800) não defendeu as suas cores como devia e, por qualquer motivo que não vale a pena indagar, perdeu a confiança e a simpa-

tia do público. A falta de combatividade de Rebordão foi clara e patente — mas nem assim António Silva brilhou...

João Silva (73,800) e João Teixeira (73,800) deram a nota alegre da noite. O primeiro, esquivando para tref, de mergulho, racheando de arrebitos pitorescos as «poses» e empregando sequitos sem o menor vigor; o segundo, cruzando as pernas, movendo-se como um espantalho de pardais, o mais desagradavelmente possível, isto tudo misturado com cabeçadas nos postes, quedas de plenas nádegas no solo, etc., foi tudo um intermédio cómico inesperado. Tanto um como o outro merecem parabéns pela jocosidade... Venceu, por pontos, José Luís.

Jack Freitas (61,900 kg.) derrotou Eduardo Alves (58,600 kg.) por pontos, mas o árbitro entendeu que haviam empatado. A vantagem, ora de um ora de outro, mereceu golpes duros aplicados alternadamente, iludiu a maneira como marchava a pontuação.

Alves, principiando bem, terminou subjogado e mais duramente batido. O adversário, menos exigente de atitudes plásticas, jogou mais guardado e é mais produtivo.

A decisão do sr. Machado J.º foi irregular. Não pelo resultado em si, mas pelo modo como se executou. O empate proclama-se chamando ao meio do recinto os dois jogadores e, pegando ao mesmo tempo nos dois pulsos de ambos, levantam-se-lhes simultaneamente os braços. Do que o árbitro, desta vez, deu provas, foi de hesitação e pouca consistência no seu parecer. Para nós, indicou primeiramente um vencedor — e depois o empate...

Joãozinho Zulmíro (61 kg.) bateu por pontos Lino Domingos (59,200 kg.) num combate de abertura, em 5 assaltos. Muita batalha desceus, onde o João do «boxe» esteve ausente, mas que vai direitinho ao coração de certos espectadores.

A empresa organizadora deve abster-se de ameaçar os pugilistas ao microfone. O pagamento da «bêta» a um jogador é obrigatório, a não ser que a sua conduta leve o árbitro a desqualificá-lo, e neste caso regista-se a suspensão do pagamento da importância prevista no contrato. Ulteriormente, após análise dos factos, é que se resolverá o assunto.

De resto, como atrás se disse, o jogador Filipe Rebordão é que merecia ser chamado à ordem, mas pelo árbitro, por não se empregar a fundo no combate, conforme era evidente.

Por sua vez, o «respeitável» público das cadeiras em torno do quadrângulo deve ter mais calma — e recordar-se de que um espectáculo pode ser suspenso se a sua atitude se tornar desordeira, ou invadir o «ring» e ameaçar os pugilistas em trânsito.

A direcção do Sport Lisboa e Benfica deslocou-se no domingo a Alenquer, para inaugurar ali festivamente, uma nova filial do clube. Com a direcção seguiram as equipas do S. L. B., do Ateneu Comercial, vários convidados e bastantes sócios do Benfica. Partiram em três caminhetas. A secção de ciclo-turismo participou também da festa. Mas os ciclo-turistas saíam de bicicleta, desfilaram pela estrada do Ribatejo, em cortejo, com o equipamento que lhes é próprio — camisolas e blusas rubias. Foram, por isso, animando as povoações do percurso, às vezes entre vides e palmas ao Benfica.

Os ciclo-turistas, a caravana das três caminhetas e os corredores da prova de iniciados, promovida pelo Benfica, encontraram Alenquer em festa. E todos foram recebidos coriosamente pela direcção do Sport Lisboa e Alenquer e pela população da bonita, laboriosa e florescente vila. Houve música, pela filarmónica local, bem apresentada, de fardamentos bígicos.

Os bombeiros locais vieram também, de espacetes luzindo ao sol. O Sporting Clube de Alenquer destacou, para a recepção, uma longa apresentação das suas secções. Por parte do novo clube ribatejano foi ampla a representação nos diversos desportos a que vai dedicar-se. Postou-se tudo em continência — frente ao clube. O rubro das equipas do Benfica e da filial era a cor dominante. E houve alegria, mais palmas e mais foguetes, quando a música tocou a «Portuguesa» e o capitão Ribeiro dos Reis e o dr. Augusto da Fonseca icaram, nos mastros de honra do Sport Lisboa e Alenquer, a bandeira do clube e a bandeira da nação. Estava feita a inauguração da nova filial.

Formou-se, depois, um novo cortejo. E os dois clubes de Alenquer, os convidados, ciclo-turistas e corredores, com muito povo, atravessaram a vila, ladeando o rio que a divide. O cortejo, parou, em continência, de frente da sede do Sporting, e subiu, pela rua Para Alenquer, à Câmara Municipal, onde houve recepção, falando o sr. Fernando Campeão, pelo município. Em nome dos visitantes discursou o dr. Augusto da Fonseca.

A recepção findou, no Parque Vez Monteiro, à beira do rio, com um almoço ao ar livre, sob a presidência do sr. Fernando Campeão, ladeado pelas figuras mais aradas do Benfica e do Sport Lisboa e Alenquer. As honras da casa fê-las o dr. Teófilo Carvalho dos Santos, num discurso de grande relevância. Por parte do Benfica distinguia-se o sr. capitão Júlio Ribeiro da Costa, num improviso feliz, de grande vibração.

Dentro do programa, disputaram-se dois encontros de «ba-kec». No primeiro jogo, o Sport Lisboa e Alenquer bateu o Atlético de Aviação, de base da Ota, por 29-11; no segundo desafio, a equipa de honra do Benfica venceu o Ateneu, por 37-19, com 20-10 ao intervalo.

Mário de Oliveira

## ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ATLETISMO — Nos campeonatos regionais (norte) de estreatantes, os vencedores foram os seguintes: Manuel Bizarro, Académico, 60 m. em 7. 2/10 e comprimento («récord» da região) com 6.<sup>m</sup> 27; Manuel Leite, F. C. Pôrto, 120.<sup>m</sup> em 14 s. 1/10; Eloi Pereira, F. C. Pôrto, 250.<sup>m</sup> em 33 s. e altura com 1.<sup>m</sup> 60; Armando Leite, F. C. Pôrto, 700.<sup>m</sup> em 1 m. 54 s. 8/10; Porfírio Santos, Salgueiros, 2000.<sup>m</sup> em 6 m. 52 s. 4 10; Armando Albuquerque, F. C. Pôrto, peso com 12.<sup>m</sup> 11; equipas do F. C. do Pôrto, 5x60.<sup>m</sup> em 38 s. 2/10, 3x250 m. em 1m. 40 s. 8/10 e 3x700.<sup>m</sup> em 6 m. 4 s. 8/10.

NATAÇÃO — No segundo festival efectuado em Coimbra, Durval Mota, do Sport, bateu o «récord» dos 66.<sup>m</sup> «crawl», de frente (braços e costas), na categoria de principiantes. Na estafeta de 5x33 metros venceu a equipa do Académico, por 1 5 de segundo, após luta renhidaíssima.

TÊNIS DE MESA — Encerrou-se a época, nas Caldas da Rainha, com o torneio feminino e o «math» Caldas — Tôrres Vedras. A taça «Grande Hotel Lisbonense» foi ganha pela selecção caldensa, que venceu a de Tôrres Vedras por 9-0. A

prova feminina ganhou a Maria Luísa Palma vencedora de «fräulein» Gerda Levy, por 21-18 e 21-18; classificaram-se, a seguir, Florin Robin e Maria Adelaide Palma.

TIRO AO ALVO — Edgar da Silva Sanchez, com o máximo de cem pontos, ganhou a prova «aniversário», da F. N. I. M.

TIRO A CHUMBO — Num torneio efectuado em Sintra, e promovido pelo Sport União Sintrense, José André ganhou com 18/20, a prova «Conselho de Sintra», e Bernardino Mira venceu a competição de «ensalo», para a taça «Miguel Vidal». Cinquenta e dois concorrentes tomaram parte no concurso dos ases, de homenagem ao internacional Alvaro Pinto Bastos e na qual se disputavam as taças «Alvaro Pinto Bastos», «Jornal de Sintra» e «Aires da Câmara».

VELA — No Seixal efectuaram-se várias regatas promovidas pela secção desportiva da Casa dos Pescadores, disputando-se provas de «sharpies», de «vongas», de «stars», de botes de espicha e canoas de bastardo, com 18 taças e vários outros prémios.

ANO XII — Lisboa, 9 de Agosto de 1944 — II SÉRIE — N.º 88

### STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da  
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A

Redacção e Administração:  
I. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º  
Telefone 5 1145 — LISBOA

Execução gráfica da NEGRAVURA, LTD. - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## Parabens ao Futebol Benfica

Foi de extraordinária animação para os praticantes e amadores do «volley» a semana que decorreu desde a nossa última crónica. As jornadas habituais do campeonato de juniores em curso, veiu juntar-se um jogo de capital importância — aquele que decidia, para a próxima temporada, o destino do campeão da primeira divisão.

Vencedor da prova que a A. V. L., para corresponder às necessidades da crescente expansão da modalidade, promoveu este ano pela primeira vez, o Futebol Benfica tinha de bater-se com o Nacional de Natação, último classificado do agrupamento superior, para resolver em definitivo qual o lugar que lhe competia na época de 1945.

O encontro efectuou-se na quinta-feira passada, disputado com grande entusiasmo e vontade por ambos os competidores, e concluiu pela vitória dos aspirantes à promoção, por 15-7, 10-15 e 21-3.

Não pode negar-se autoridade à vitória dos benfiquistas que, no terceiro jogo, impuseram em absoluto a sua melhor técnica, conquistando pontos após pontos, sem consentirem ao adversário resposta compensadora. O Nacional, no entanto, tinha até então lutado com afinco e dera sempre réplica valorosa, mantendo o interesse da partida e a emoção pelo resultado.

O novo divisionário de honra sustentou uma temporada de brilhante estreia nas práticas do «volley» e deve ser, no futuro, capaz de proporcionar boa réplica aos grupos já consagrados.

Quanto ao destino menos feliz do Nacional de Natação, nada tem de desprimoroso ou susceptível de promover desânimo; há males que às vezes resultam em bem, e as circunstâncias de maior equilíbrio de valores no agrupamento onde passa a actuar, podem servir de incentivo e contribuir para melhor adestramento das suas equipas.

As competições oficiais da Associação de Volley — que conta já com mais de mil jogadores filiados — prosseguem animadamente com a disputa do campeonato de juniores, que deve estar concluído no sábado da semana próxima. Não pode por enquanto formular-se qualquer prognóstico seguro porque o acaso do sorteio reservou para a segunda metade do torneio os encontros entre os grupos mais fortes.

De momento, as equipas do Oeiras, do Internacional e do Sporting seguem sem derrotas e têm deixado melhor impressão quanto a conceito de jogo e indispensável entendimento dos jogadores. O «Cif», especialista na modalidade, reúne maioria de votos de favoritismo, embora tenha disputado, por enquanto, o único jogo e contra o mais fraco dos participantes.

Os grupos de Oeiras e do Sporting, de valor muito aproximado, defrontam-se no sábado e jogam depois contra o Internacional, respectivamente na terça-feira e no sábado seguintes, sempre no campo do Ateneu e às 18 horas. É grande a expectativa por estes encontros decisivos, que prometem ardorosa competição.

Os quatro restantes competidores formam um segundo pelotão, sob cuja situação relativa nada pode dizer-se, porque o caprichoso destino os opôs até agora apenas aos mais fortes, acumulando-lhes derrotas. O Belenense leva a vantagem de uma vitória alcançada pela força da ausência do adversário, caso a que nos referimos, e o Monte Pedral obteve do Internacional consentimento para transferir o seu jogo, em virtude de não poder contar com uns tantos jogadores ocupados no acampamento da «Mocidade Portuguesa».

## Breves comentários à final do campeonato de Portugal inter-clubes

A lista dos vencedores do Campeonato de Portugal, inter-clubes (2.ª categoria), dotado com a magnífica taça «Rodrigo de Castro Pereira», inclui, desde a passada quinta-feira, mais um nome, que nela figura pela primeira vez. Referimo-nos ao Instituto Superior Técnico (vencedor brilhante do torneio de apuramento da zona sul) que, na Curia, disputou o honroso título contra a valiosa representação do Lawn-Tennis da Foz (vencedor do torneio da zona norte).

A única competição de equipas que se tem efectuado entre nós com regularidade, nos últimos anos, não desmereceu, em 1944, das anteriores «edições» da prova. O embate entre os melhores de Lisboa e Porto continua a merecer o maior interesse dos meios tenísticos das duas cidades, servindo, como deve, uma rivalidade bem compreendida — felizmente.

Desta vez, tal como tem acontecido quasi sempre, os lisboetas levaram a melhor sobre os portuenses. Os rapazes do Técnico, cuja equipa pela primeira vez chegou tão longe nesta prova, não se amedrontaram com o valor do adversário nem com as responsabilidades que sobre eles pesavam de defender o «sténis» da capital. E tão bem se saíram da sua difícil missão, que, batendo o L. T. F. por 3-2, fizeram voltar a Lisboa o excelente trofeu. Foram, portanto, belos representantes do «sténis» do sul e, pela maneira como conquistaram o título, tornaram-se credores de elogios e felicitações. E não seremos nós quem lhes regatará uma e outra coisa, sem esquecer o bom comportamento da equipa vencedora, que, afinal, foi o melhor factor de valorização da vitória dos lisboetas.

Já atrás indicámos o resultado. Não fica mal repeti-lo: 3-2. Basta olhar estes dois algoritmos para se ter a idéia de que a luta foi renhida e de igual para igual. Mas há ainda outros elementos que confirmam o equilíbrio de valores: nos cinco encontros, o Técnico ganhou seis «sets» contra cinco do adversário, e nos onze «sets» os lisboetas somaram 54 jogos, contra 52 dos portuenses.

Que mais seria preciso para se verificar que as duas equipas foram dignas adversárias uma da outra? Das cinco provas efectuadas, a que provocou mais emoção foi a do «1.º par». Foi esta — a melhor de todas — que fez pender a vitória. A formação que vencesse asseguraria para a equipa a conquista do título, porque nas quatro restantes provas os vaticínios eram fáceis. Não nos enganámos, como não se enganou, por exemplo, Gama Lobo, quando viu a constituição dos «teams». Tudo satu como foi previsto e desde que ao «misto» tivesse de ser dado o encargo de desfazer o empate o Técnico, tinha todas as probabilidades.

Uma circunstância, porém, dá mais

Pela impressão indirecta de confronto, parece ser a Associação Académica da Amadora o grupo mais inexpiente e o Monte Pedral aquele que poderá dar melhor réplica para a conquista do quarto lugar.

Terminado este torneio, terá início, para fecho da temporada, o Campeonato Popular, para o qual se conta com inscrições suficientes. Parece-nos, porém, que seria medida acertada começar desde já os preparativos da prova, que poderia seguir simultaneamente com o torneio em curso, aliás teremos provas oficiais até fim de Setembro, com todos os prejuízos e inconvenientes ligados ao período de férias gerais.

JOSÉ DE EÇA

valor ao triunfo lisboeta: é que as vitórias da equipa do Técnico foram obtidas nas melhores provas de cada modalidade (no primeiro «par» e no primeiro «singulares»). E o Lawn-Tennis da Foz venceu nos «segundos».

O I. S. Técnico apresentou na final a formação que utilizara no torneio de apuramento da zona: José da Silva, Fernando Frade, João Talone, David Cohen e Maria Amélia Condeixa. As referências que já lhe fizemos no último número da «Stadium» dispensam que nos alonguemos numa apreciação crítica.

José da Silva voltou a ser o principal artífice da vitória, pois disputou as três provas ganhas pela equipa. Notámos-lhe ligeiro progresso, fazendo supor que se encontre a caminho da melhor forma. Fernando Frade superiorizou-se no «singular», contra o novo campeão de «segundos» do Porto, o jovem e esperançoso Lino Baptista. Julgamos o lisboeta capaz de melhor resultado. De resto, logo a seguir, no «par», viu-se bem, pela exibição irregular que fez, que não estava nos melhores dias. João Talone e David Cohen agiram dentro das suas possibilidades; o último destoa um pouco do conjunto, mas há que atender que é o mais novo e menos categorizado da equipa, Maria Amélia Condeixa exibiu-se a contento — talvez melhor do que em Lisboa.

A formação apresentada pela Lawn-Tennis da Foz revela cuidado na escolha: Manuel Matos, José Matos, Hardy Junior, Luis Baptista e Maria Tereza Allen.

Os três primeiros são já sobejamente conhecidos, nada tendo acrescentado aos seus méritos. Alfredo Hardy Junior deixou-nos até a impressão de não se encontrar na melhor forma, ou então foi relegado para plano secundário pelo «novo» Luis Baptista, que, em boa verdade, se mostrou elemento de futuro. Foi, mesmo, a revelação da equipa. E da gentil Maria Tereza Allen apenas podemos aproveitar uma referência de pessoa amiga: progrediu desde o último ano.

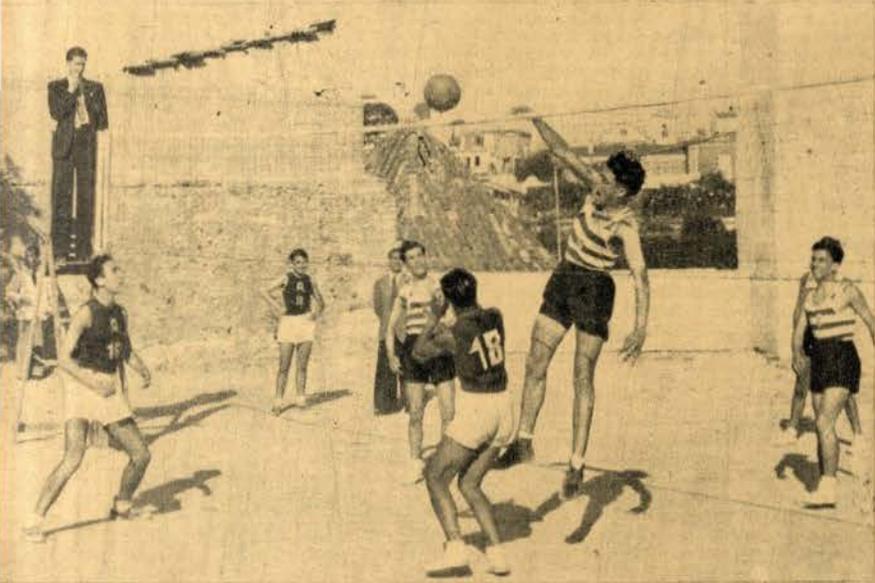
DRIVE



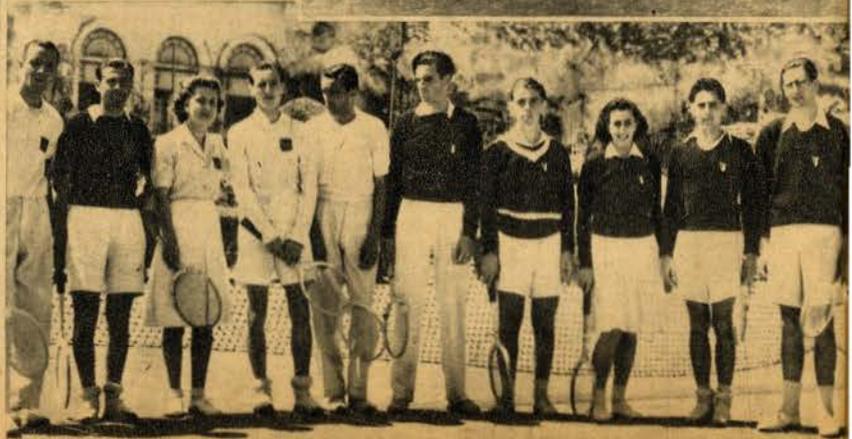
para manter as forças durante um esforço e refazer-se rapidamente da fadiga, deverão recorrer sempre à Ovomaltine. Alto valor nutritivo, preparação simples com leite, chá ou água, quente ou frios, de extrema digestibilidade. É o reconstituinte sonhado pelo desportista.



É UM PRODUTO WANDEL



**Volleyball:** — O Futebol Benfica, vencedor do campeonato de Lisboa da 1.ª divisão, conquistou ao C. N. Natação o seu lugar na divisão de honra na próxima época: 1 — A equipa do F. Benfica; 2 — Uma fase do encontro. ● No campeonato de juniores: 3 — Aspecto do encontro Sporting Académica da Amadora; 4 — A equipa do S. C. Oeiras, um dos concorrentes ao mesmo campeonato e que está, a par do Sporting, à frente da classificação. **Ciclismo:** 5 — João Rebelo lançado para a sua infrutífera tentativa de «records», a que fazemos referência noutro lugar. **Tennis:** 6 — As equipas que disputaram a final do campeonato de Portugal de 2.ª categoria nos «courts» da Curia. A esquerda o Lawn-Tennis da Foz; à direita, o I. S. Técnico, vencedor da prova.



# Stadium na Capital do Norte



NO 35.º ANIVERSÁRIO DO F. C. PORTO: 1 — O sr. Director Geral dos Desportos presidindo à sessão solene efectuada; 2 — O sócio n.º 1 do clube, sr. José Bacelar, rodeado pelos directores e atletas que o homenagearam. ATLETISMO — Nos campeonatos de estreantes: 3 — Porfírio Santos, do Salgueiros, vencedor dos 3.000 metros; 4 — Manuel Bizarro, do Academico, ganha os 60 metros por um peito; 5 — Armando Leitão bate Eloi Pereira nos 120 metros; 6 — Bizarro salta em comprimento — e bate o "record", do Norte.



## AS NOSSAS REPORTAGENS GRAFICAS E TRICROMIAS



Como anunciámos, publicamos hoje a reportagem referente à ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA, bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

No próximo número:  
VITÓRIA FUTEBOL CLUBE (Setúbal)

À lado: o habitual cupão, que os leitores devem recortar e coleccionar, pela ad-hes directo à capa que oferecemos para encadernar todas as separatas destas reportagens.

### Números esgotados

Voltamos a lembrar aos coleccionadores das tricromias que em virtude de se encontrarem esgotados quasi todos os números da «Stadium» em que foram publicadas, vamos proceder à respectiva reimpressão.

Convem que todos os interessados se dirijam sem demora à nossa Administração, enviando 1\$50 por cada uma das estampas que pretenderem, afim de procedermos à sua reserva e efectuarmos a respectiva expedição logo que tenhamos feito a reedição projectada.

Também os nossos AGENTES devem informar-nos com brevidade das quantidades que pretendem.

# Stadium na Capital do Norte

ATLETISMO

## O campeonato de "pricipiantes" constituiu jornada excepcional para o atletismo portuense

Comentários por EDUARDO SOARES

AINDA se desconhecem os motivos que levaram à reabertura da época oficial do atletismo portuense pelos campeonatos de «juniões» — solução que vai contra toda a lógica e tem inconvenientes sérios, sob o ponto de vista técnico. Desconhecemo-los — e por isso não os discutimos. Sabemos, porém, e é de justiça assinalá-lo, que os activos dirigentes da A. P. A. não foram os culpados dessa atitude, pois a ela se viram obrigados, em último recurso, por influência directa. Seja como for, e embora com o de traz para a frente..., a verdade é que o atletismo portuense está em franca actividade e com todas as condições para recuperar o tempo precioso que perdeu nestes três últimos anos.

Dentro polo do «inventivo» programa de provas, tivemos a seguir os «juniões» o campeonato de «pricipiantes», que constituiu único espectáculo de propaganda da modalidade. Tudo se passou dentro do melhor ambiente: as provas tiveram o seu início pouco depois da hora marcada e decorreram dentro de ritmo normal; não se registou qualquer atropelo ao que está regulamentado; e na pista só foi permitida a permanência daqueles que lhes era exclusivamente destinado. E se a esta louvável iniciativa os atletas não souberam compreender como deviam, as maiores culpas do facto vão direitas para os clubes e seus orientadores — e não para a A. P. A.

É preciso que todos os atletas se capacitem das responsabilidades que lhes existem as camisas que trazem aos seus ombros. Os seus actos menos reflectidos atinham de manifestar directos os clubes que representam. O homem de desporto acato sem hesitar as decisões superiores — e deve

fazê-lo, para se considerar de facto um desportista, sem a isso ser coisido por imposições severas ou sob pena de graves penalidades. E foi pensando nestas verdades que os dirigentes da A. P. A., ao determinarem a escolha de um local exclusivamente destinado a atletas, não o fizeram impondo, mas sim pedindo. Infelizmente, porém, nem todos souberam corresponder aos bons propósitos dos dirigentes, e estes ver-se-ão obrigados, para o futuro, a usar de penas disciplinares para com todos aqueles que se mostram rebeldes a uma iniciativa de tão alto interesse para a boa ordem que é de presidir as reuniões atléticas. Cabe pois aos clubes educar os seus representantes, não só tecnicamente, mas também sob o ponto de vista cívico, porque as duas educações se completam e se tornam indispensáveis ao autêntico homem de desporto.

Por outro lado, apraz-nos verificar que a A. P. A. veio, finalmente, dar-nos razão, quanto à necessidade de afastar os concorrentes do contacto com o público. Nestas colinas, cansamo-nos de batalhar pelo problema em questão, apontando os inconvenientes que resultavam da permanência do atleta equipadado entre o público; e também as vantagens que havia em proporcionar-lhe um local sossegado e longe do exultado ambiente que a competição provoca. A «nossa batalha» foi árdua, e teve de ser peraltada; mas os objectivos foram alcançados...

Verifica-se, portanto, que a A. P. A. está a trabalhar para o completo resurgimento do atletismo portuense, e que a primeira hora do campeonato foi marcada por naturais deficiências da primeira hora. E tanto assim é, que todas as deficiências que na nossa qualidade de crítico apontamos à organização do campeonato regional de «juniões» desapareceram por completo no campeonato seguinte: o de «pricipiantes». Este foi muito mais perfeito do que se poderia supor — e fica mesmo como um modelo de organização!

Não há dúvida que o nosso atletismo está entregue nas melhores mãos — e que estas o são pelo melhor caminho. Afirmamo-la com a mesma imparcialidade e o mesmo desassombro que nos servem quando há necessidade de apontar erros.

Técnicamente, e em relação ao trabalho dos clubes e dos atletas, o campeonato de «pricipiantes» serviu para confirmar a boa impressão que nos havia deixado a luta entre «juniões», e para pôr mais uma vez em evidência a superioridade manifiesta da equipa do F. C. do Porto.

É justo repetir os louvores que já aqui deixamos aos dirigentes do F. C. do Porto pelo interesse que o atletismo lhes vem merecendo, e emaltecer, de novo, a obra grandiosa que Arnaldo Borges está a construir dentro do seu clube na preparação de jovens praticantes, a quem pertence o futuro do atletismo portuense. O trabalho de Arnaldo Borges é ingrato — daqueles que se não podem avaliar, com propriedade, no momento presente. Mas no futuro, quando se operar a inevitável renovação da população praticante do nosso atletismo, então poderá avaliar-se melhor o seu valor.

Por tudo, pois, o F. C. do Porto e Arnaldo Borges têm já a figurar na galeria de honra do atletismo norteño — de 1941!

Como nota de relevo, teve também o campeonato de «pricipiantes» a presença de Amadores do F. C. que pela primeira vez apresentaram uma equipa em provas oficiais. Preparados por um ex-atleta do Académico de Braga, Maurício Coutinho, os amarantinos deixaram óptima impressão.

Festajámos com entusiasmo o aparecimento de mais um clube praticante de atletismo, que por tudo merece ser ajudado, pois a sua actividade atende-nos precisamente num a região onde a modalidade é desconhecida por completo e onde não faltam rapazes com excelentes condições físicas para a sua prática.

Como é natural, tratando-se de praticantes que estão a principiar a sua carreira, os Amadores alcançaram melhores resultados técnicos que os saltadores e lançadores. E, que nestes a diferente preparação técnica torna-se mais palpável, e não lhes bastam — como muitas vezes acontece aos primeiros — as excelentes qualidades naturais que por casualidade possuem. Isto é: pode improvisar-se um corredor, mas nunca um saltador ou lançador. Contudo, e de maneira geral, todos os resultados impressionantes, embora de carácter lógico, os praticantes das duas últimas especialidades mostrassem mais necessidade e de treino.

Em velocidade pura, Manuel Silva Leite, José Gonçalves e António Martins ocuparam o primeiro plano, à frente de um numeroso lote de jovens «pricipiantes», que dá esperanças. Naquela ítre, o que está no momento mais perfeito é o natural, todos os resultados impressionantes, embora de carácter lógico, os praticantes das duas últimas especialidades mostrassem mais necessidade e de treino.

Em velocidade prolongada, vão todas as referências por Eloy Costa Pereira — o atleta «treastre» que mais entusiasmos. Revelado no torneio da «Stadium», Eloy tem sabido manter a boa impressão que nesse altura

## O abastecimento de água ao país

O «Jornal do Comércio», decano da imprensa portuguesa, apreciando o grande plano de abastecimento de água a todas as cidades de concelho do país, aborda um aspecto do problema, que não resistimos em recortar, transcendendo-nos a página, pelas razões que se aduzirão abaixo:

«Na base da vida intelectual e moral — dizem claramente — na base da vida moral — está a cultura física. E não é cultura física somente o chamado atletismo: é o — muito mais essencial — a higiene corpórea.

«Não há cultura espiritual possível, não há aprimoramento de raça nem melhoria da espécie, sem uma vida humana digna, sem uma vida física dignificada. Não há desenvolvimento de raça ou classe que resistam a um vício miserável e infecto. Não se pode lutar de nobreza a quem viva sem ar, sem água e sem luz.

O que acima hea transcrito vale como oiro de lei, sob o ponto de vista que pretendemos abordar neste artigo. Todos conhecem a campanha que a Imprensa tem desenvolvido — em especial a «diária» — para a criação de piscinas, função que deve merecer aos municípios atenção especial.

«Stadium» tem agitado o problema — que nós continuaremos a repuntar de mais, num país onde a natureza se resume aos centros mais povoados ou aqueles que têm a fortuna de terem junto de si um rio, mais ou menos caudaloso, onde os seus habitantes possam praticar o mais salutar de todos os desportos.

Se há cidades ou terras de província, no nosso país, que mereçam de circunstâncias especiais, entre as quais se destacam as de turismo, podem apresentar à sua população uma piscina em condições, outras há onde esse factor de higiene é um nio.

A cidade do Porto é uma delas. Os seus habitantes, particularmente os que não podem, por determinação médica, tomar banhos de mar, têm de recorrer ao rio Douro, carecendo de quanto inundicie há, em especial nas vazantes, transportando nas suas águas toda a fauna de detritos.

Tem sido prometida à cidade uma piscina. Fixaram-se locais, houve empresas constituídas para a sua construção. E quanto tudo parece encaminhado para a resolução de um problema de vital interesse cidadão, surge o entrave, a queixa, a proclamar o andamento progressivo da ideia — e tudo regressa à mesma ordem anterior.

Mas ponho de parte o aspecto especial do assunto e referindo-nos à questão genérica, verifica-se que, uma vez as águas dos concelhos abastecidas de água, há os municípios que não têm em prática a construção de piscinas, onde os habitantes possam, ao mesmo tempo que praticam um desporto sã, entrar em contacto com a água, desenvolvendo o hábito pela modalidade.

É preciso higienizar as populações, dar-lhes possibilidades de recuperar o corpo. Deveria ser mesmo torneio obrigatório, em crianças de idade escolar, a prática do nio por em prática a construção de piscinas, onde os habitantes possam, ao mesmo tempo que praticam um desporto sã, entrar em contacto com a água, desenvolvendo o hábito pela modalidade.

Se, pois, ao admitir que, a completar os desígnios a atingir com o cumprimento do diploma legal e que nos estamos referindo, outro venha em que a criação de piscinas municipais seja uma obrigação a cargo das diversas entidades.

Quando ao Porto, continuaremos à espera...

MÁRIO AFONSO

HÁNDBALL

## Notas e Comentários

Alvaro Pinto, presidente da direcção da A. H. P., em interessante palestra, abordou os factos principais da época, muito feliz apreciação do «hándball» portuense.

Por ela tivemos conhecimento de que a Federação homologou o encontro Porto-Vilanova (2.<sup>a</sup> volta), anulando, desta maneira, o jogo repetição. Felizmente, o vencedor foi confirmado, porque, a dar-se a vitória do Vilanovense na repetição, o título hoje seria restituído ao F. C. do Porto. Inconvenientes das tardias resoluções do C. Técnico da A. H. P.

Afinal, não foi só reconhecida pelo público e pela imprensa a infeliz escolha da selecção portuense.

Aquella dirigente, em desassombrosa afirmação, referiu-se à imposição de não a qualquer jogador com quem se simpatiza, ou que pertence a certo clube, a ponto de se lhe descobrirem virtudes que não a existirem, esquecendo defeitos que saltam aos olhos de toda a gente.

A sede da Associação, instalada numa sala do Sport C. P., torá de ser transferida no fim do corrente mês. Este lamentável facto, que tem sido sempre um problema de muito importância, vem avivar a ideia da instalação das associações regionais dos chamados «desportos pobres», numa sede conjunta. Evidentemente, só com a valiosa interferência da Direcção Geral dos Desportos se poderá resolver este delidido assunto.

A A. H. Porto vai homenagear, condecorando, o club campeão nacional. No dia 26 haverá uma sessão solene, seguida de uma palestra alusiva ao acto, pelo nosso distinto camarada Alves Teixeira, e distribuição de taças e medalhas ao F. C. Porto, Vilanova e Salgueiros, e aos seus elementos, respectivamente vencedor do torneio regional, 2.<sup>a</sup> classificação e campeão da 2.<sup>a</sup> Divisão.

Aproveitando a passagem do XII aniversário da fundação da Associação, era de justiça, como exemplo de assiduidade, que fosse prestada homenagem e distribuídas medalhas aos jogadores com 10 anos de actividade. Que nos recorde, não apenas os seguintes:

Lopes Martins e Teófilo (F. C. Porto); Arnaldo Xavier (Vilanova); Veloso e António (D. do Porto); Fabião (Fluvial); Edgar Fernandes e José Campos (Sport). E também ao árbitro David Vieira (D. Porto), e aos dirigentes Carlos Matias (Vilanova) e António Figueiredo (Vilanova).

O alvitre fica de pé.

O recente desempate entre o Unidos e o Sporting, para apuramento do campeão de 2.<sup>a</sup> categorias, em Lisboa, e o critério estabelecido para classificar o último clube do campeonato do Porto, pela discordância entre si, têm feito agitar a opinião portuense no caso Fontalves-Sport. Hoje é facto consumado, mas o deslize da Associação norteña, a tempo apontado por nós, surge agora em maior volume.

LEME

## O Torneio do Académico de Braga, que vai realizar-se sob o patrocínio da Stadium, deve efectuar-se no primeiro domingo de Setembro.

Os brassacres não se têm poupado a esforços para que o seu torneio atlético seja magnífica manifestação de entusiasmo pela modalidade. E os delicados dirigentes do Académico — nem-se cada vez mais animados nos seus propósitos, dada a incondicional colaboração que lhes chega de todos os lados.

Por estes motivos, o torneio, que a «Stadium» patrocina e orienta tecnicamente, vai constituir, por certo, a mais importante organização de atletismo que até hoje tem realizado no Minho.

Contam-se já, como certas, as inscrições do club organizador, do F. C. do Porto, do Amaranco, do Vianna, do Barcelos, do Porto e do Salgueiros quanto à marcação da data em que se realizam as provas, nada está definitivamente assente, mas tudo leva a crer que será o primeiro domingo de Setembro.

## O significado especial da inauguração da nova época

Uma promessa que pode dar resultado

**DISSEMOS**, na nossa primeira crónica sobre o festival que inaugurou a temporada de natación em Coimbra, que é o significado especial. A direcção da F. N. A. T., voltando a dispensar à praia fluvial de Coimbra o melhor da sua atenção, não resolveu ainda o problema da construção da piscina definitiva, mas contribuiu bastante para que a sério se pense no assunto, por parte da Câmara Municipal de Coimbra.

O almoço oferecido pela direcção da F. N. A. T., na sede da delegação local, foi pretexto magnífico para troca de discursos, nos quais o problema se focou em condições que são quasi uma promessa formal. De tal modo isto ficou pôsto em termos francos, durante o almoço, que o dr. Amadeu Rodrigues o disse depois ao microfone da piscina, quando se realizou o acto inaugural. A Câmara Municipal esteve representada pelo seu presidente, dr. Alberto Sá de Oliveira. No discurso proferido durante o almoço, afirmou que Coimbra tinha direito a uma piscina definitiva, que a Câmara deseja enfrentar resolutamente esse problema e que a sua solução era viável desde que não se preocupassem com construções grandiosas. Era apenas preciso assentar num programa — e realizá-lo por etapas. Ao microfone da piscina, o dr. Sá de Oliveira, dirigindo-se aos nadadores, fez-lhes a promessa de que a causa deles não sairia do seu coração. O illustre presidente do município coimbricense prestou atoda homenagem a dois nomes a quem a natación deve notáveis serviços em Coimbra — dr. João dos Santos Jacob, falecido presidente da Câmara, a quem se deve a Praia Fluvial do Mondego; e dr. Moura Relvas, a quem a natación deve tudo — em técnica, organização e entusiasmo.

Quando o dr. Amadeu Rodrigues falou, disse, por sua vez, que o fazia para dar aos nadadores e ao público uma grande novidade — a noticia de que a construção da piscina entrara numa fase de possível realização. E o sr. engenheiro Higino

# QUESTÕES REGULAMENTARES

Ainda o PORTO — VILA-REAL — PORTO

A classificação final do Porto — Vila Real — Porto, a importante prova promovida pela Associação de Ciclismo do Norte, parece não estar ainda definitivamente arrumada. Como noticiámos, a corrida compreendia duas «tiradas» distintas, com classificações também definidas em cada uma delas, apurando-se o vencedor pela soma dos melhores tempos.

Deu-se, porém, a circunstância de haver, no final da prova, dois corredores empatados, com o mesmo tempo e as mesmas classificações: uma vitória e um segundo lugar para cada.

O júri da corrida deu a vitória final a Jorge Moreira, vencedor da última «etapa» e segundo em Vila-Real. A Associação, em face de uma reclamação do Salgueiros, considerou vencedor Império dos Santos, primeiro em Vila-Real e segundo no Porto. Por último, a Federação de Ciclismo, chamada a pronunciar-se sobre o assunto, diz que o vencedor é Império dos Santos.

Solicitaram a nossa opinião e nós, baseados no artigo 45.º do Regulamento Internacional — que é, devemos dizer, com o artigo 46.º, a doutrina aplicável a este caso — dissemos que não havia um, mas sim dois vencedores: Império e Moreira.

Agora, o nosso prezado camarada Manuel Mota, perflhando a doutrina da Federação, que por seu turno se baseou no artigo 47.º, manifesta a opinião de que é Império o vencedor da corrida.

Respeitando muito o critério adoptado pelo nosso camarada, assim como o dos membros da Federação, podemos afirmar que a doutrina do artigo 47.º não é aplicável a corridas de estrada —

Queiroz, presidente da F. N. A. T., falou no mesmo tom, convencido de que a piscina se pode construir pela conjugação de esforços — entre a F. N. A. T. e a Câmara Municipal de Coimbra.

A piscina definitiva está projectada para o prolongamento do Parque da Cidade, à beira do Mondego.

Aproveitamos a oportunidade para rectificar a classificação geral dos clubes que entram no festival: 1.º Associação Académica, 69 pontos; 2.º Santa Clara, 35; 3.º Sport, 25; 4.º União, 10; 5.º Nacional, 3.

MARIO DE OLIVEIRA

## Stadium da Capital do Norte

A «escola vascaína» falou...

Sem despirmar para o vencido — o Casa Pia — o triunfo alcançado pelos «meados» do Vasco da Gama é dos tais que enche de júbilo os inúmeros simpatizantes que este clube conta entre os habitantes do burgo tripeiro — e mesmo para além das fronteiras citadinas.

E que não é de contar só o triunfo obtido contra a turma espanhola, na final da disputa do título nacional de «basketball» júnior. A maneira como eles disputaram o torneio regional também é digna de relevo. Resumindo: os rapazes fizeram todos os campeonatos sem uma única derrota!

Está de parabéns a cidade do Porto. Mas alguém há que merece ser salientado, pelo seu denodado sacrificio, zancas e fadiga, não só pelo seu clube, mas pela causa do «basketball»: Joaquim Alves Teixeira. Poderemos, por vezes, discordar neste ou naquele pormenor, mas isso não obsta a que se faça justiça a quem a merece. E o Vasco da Gama, ou o «basketball» portuense, ainda não prestaram a Alves Teixeira, nosso querido amigo e colega no jornalismo, aquela homenagem que a sua seção está merecendo. É preciso pagar esta dívida de gratidão!

Escola Regional de Graduados da «Mocidade Portuguesa»

Na Quinta de Vila Franca, nas margens do Rio Leça, próximo de Leixões, estão acampados algumas dezenas de rapazes que frequentam o curso de verão da Escola Regional de Graduados da «M. P.»

Vivendo em regime campista, além das noções próprias dos cursos que frequentam praticam várias modalidades desportivas, como «basketball», «volleyball», ginástica, «ju-jitsu» e, possivelmente, luta gregoromana, ministradas por pessoas idóneas. Dirige a escola o sr. capitão Gonçalves da Silva, official distinto, que os rapazes estimam, e que paternalmente os aconselha, orienta e instrui para a superior missão de graduados da «Mocidade Portuguesa».

O Salgueiros já tem treinador

Aos jogadores de futebol do clube encarnado já foi apresentado o seu novo treinador, Desiderio, irmão de Lippo, treinador do F. C. do Porto.

## SEMANA A SEMANA

Desejamos que o popular clube portuense resolva, de facto, um dos seus maiores óbices, para que a sua posição no futebol nacional se firme de forma convincente.

Quem vai treinar o Leça?

Diz-se que o Leça, depois de resolver de forma satisfatória o problema do seu campo — obtido merço do esforço e consêria de meia dúzia de dedicados amigos do clube — já contratou um treinador. Fala-se que é um jogador espanhol do Bético, de Sevilha. Naturalmente que a gente do Leça deve ter radeado este contrato das máximas garantias de segurança, para não haver, mais tarde, desilusões...

O que há por Braga?

Visitámos, há dias, a capital minhota. Pouco falámos sobre futebol, mas esse pouco deixou-nos pontos de interrogação. Um deles: o que há sobre Rui Araújo? Qual é a sua presente situação no Sporting de Braga?

Actualmente treina o clube o conhecido Miguel Siska, que vai àquela cidade, em determinados dias, ministrar ensinamentos aos rapazes.

Consta, também, que se prevêem reforços de elementos do sul, de certo «cartel». Será assim?

O aniversário da Associação de Futebol do Porto

No próximo dia 12 passa mais um aniversário da fundação da A. F. Porto — à frente da qual se encontra, actualmente, o sr. Alberto de Brito, como presidente da direcção.

Deseja a presente gerência reunir, em «jantar íntimo», todos os indivíduos que passaram pelos diversos lugares dos corpos gerentes da Associação, desde que ela foi fundada. Há, possivelmente, lapsos de direcção nas circulares enviadas. Mas como se deseja dar a maior amplitude a essa confraternização — chamemo-lhe assim — de dirigentes, bom será que todos aqueles que já foram directores, em qualquer época, da Associação de Futebol do Porto, se dirijam à mesma, por escrito, a dar a sua adesão a tão simpático como plausível iniciativa.

mas apenas a competições de pista. E para que se possa verificar que estamos dentro da razão, vejamos:

O capítulo *Júri de chegadas e ch-gadas* do R. L. é constituído pelos seguintes artigos: 42.º, que define quantas pessoas podem ter atribuições de juiz de chegada, e quando e como podem ser tornados públicos os resultados (provas de pista com «placards» de afixação); 43.º e 43.º bis, que tratam da maneira como se verifica a ordem de chegada (posição da roda sobre o riaco da meta) e se toma nota dos tempos das provas de «record», «americanas», perseguição e corridas de várias horas, tudo em pista; 44.º, que define a maneira de assinalar a chegada numa prova de estrada — *le point d'arrivée d'une course sur route*, etc. — e a forma como os corredores têm de assinalar folhas de passagem; 45.º, que trata da classificação de dois corredores chegados com o mesmo tempo — isto a seguir ao artigo em que se fala de provas de estrada. Depois temos o art.º 46.º, que determina a maneira de distribuir o número de pontos obtidos pela ordem de chegada, e, finalmente, o art.º 47.º, que trata de provas por pontos, corridas de velocidade com e sem treinadores — e que passamos a transcrever na íntegra, para se verificar que tal doutrina não pode ser aplicada a uma corrida de estrada.

«Se numa corrida disputada em várias provas, e por pontos, houver diversos corredores que obtiverem o mesmo número de pontos, a classificação será determinada pelo maior número de primeiros lugares; se persistir o empate, recorre-se ao maior número de segundos ou terceiros lugares, etc. Se, porém, o empate se mantiver, a prova voltará a disputar-se entre os empatados — o que seria impossível em estrada — mas apenas para corridas de velocidade exclusivamente até 5.000 metros, incluindo com treinadores.

«Para provas de fundo e corridas com treinadores, de distâncias superiores a 5.000 metros, é a última prova, mão ou etapa que estabelece a classificação.»

Ora foi neste último parágrafo que o nosso camarada Manuel Mota, e possivelmente os membros da Federação, se estribaram para concluir que Jorge Moreira foi o vencedor. No entanto, o facto de esse parágrafo fazer parte de um artigo que trata exclusivamente de provas de pista, e ainda se referir a *provas de fundo corridas com treinadores*, e fixar a distância superior a 5.000 metros, são argumentos suficientes para se concluir que essa doutrina nada tem de comum com provas de estrada.

Decerto foi o facto de se fazer referência no citado artigo a «provas de fundo» e etapas que levou o activo vice-presidente da Federação a concluir que essa doutrina era aproveitável. Mas não é assim. Internacionalmente, corridas de fundo são provas de pista, tal como 6 horas, 100 quilómetros, «Bol d'Or» etc., embora desde sempre, entre nós, chamemos provas de fundo às corridas de estrada com distância superior a uma centena de quilómetros. Que assim é mostra-o o facto de haver no nosso regulamento de campeonatos uma prova de meio-fundo em pista e que no espírito dos legisladores quer dizer «corrida até 100 quilómetros».

Também no citado parágrafo fixado no R. L. existe a referência a *etapa* — que pode ser interpretada como tirada de prova de estrada. Ora os franceses chamam *etape* a praçagem de caminhada ou a alto de qualquer competição. Deve mesmo considerar-se que tal parágrafo existe para definir classificações nos vulgares *matches* a três, quatro e mais atletas, normalmente travadas nas pistas em que são disputadas — como já vimos — provas de meio fundo, atrás de motor, corridas de «sprints» e individuais, todas elas com a participação dos mesmos corredores.

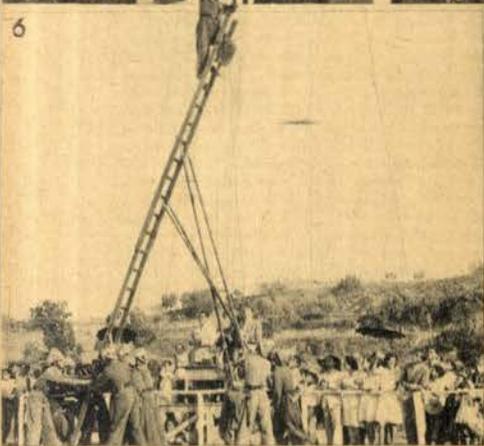
Por isso temos de concluir que Moreira e Império se igualaram em todos os sectores desportivos do Porto-Vila-Real-Porto — tempo, número de pontos e lugares obtidos — e que portanto ficaram empatados.

Nem o artigo 47.º serve para o desempatar, nem o 50.º do Regulamento nacional, como judiciosamente escreveu Manuel Mota.

De futuro há apenas que prever tais empates e resolver antecipadamente o processo de os evitar.

GIL MOREIRA

# A inauguração do SPORT LISBOA E ALENQUER



Alenquer viveu no domingo momentos de forte entusiasmo com a inauguração oficial do Sport Lisboa e Alenquer. As fotografias mostram: 1—No momento de ser astreada a nova bandeira do S. L. Alenquer; 2—A parada desportiva junto dos Paços do Concelho; 3—Os estandartes dos clubes desfaldados na varanda da Câmara Municipal; 4—O dr. Augusto da Fonseca recebe, como presidente do popular Benfica, objectos comemorativos da festa; 5—O capitão Ribeiro da Costa profere o seu caloroso e aplaudido discurso; 6—Uma surpresa dos bombeiros voluntários locais, que erguem a bandeira do S. L. B. no alto de uma das suas escadas; 7—A equipa de "basket," do S. L. Alenquer, que venceu a da Base da Ota; 8—A do S. L. Benfica, vencedora colectiva da prova de ciclismo para iniciados; 9—Manuel Gonçalves, do Sangalhos, que triunfou individualmente.

